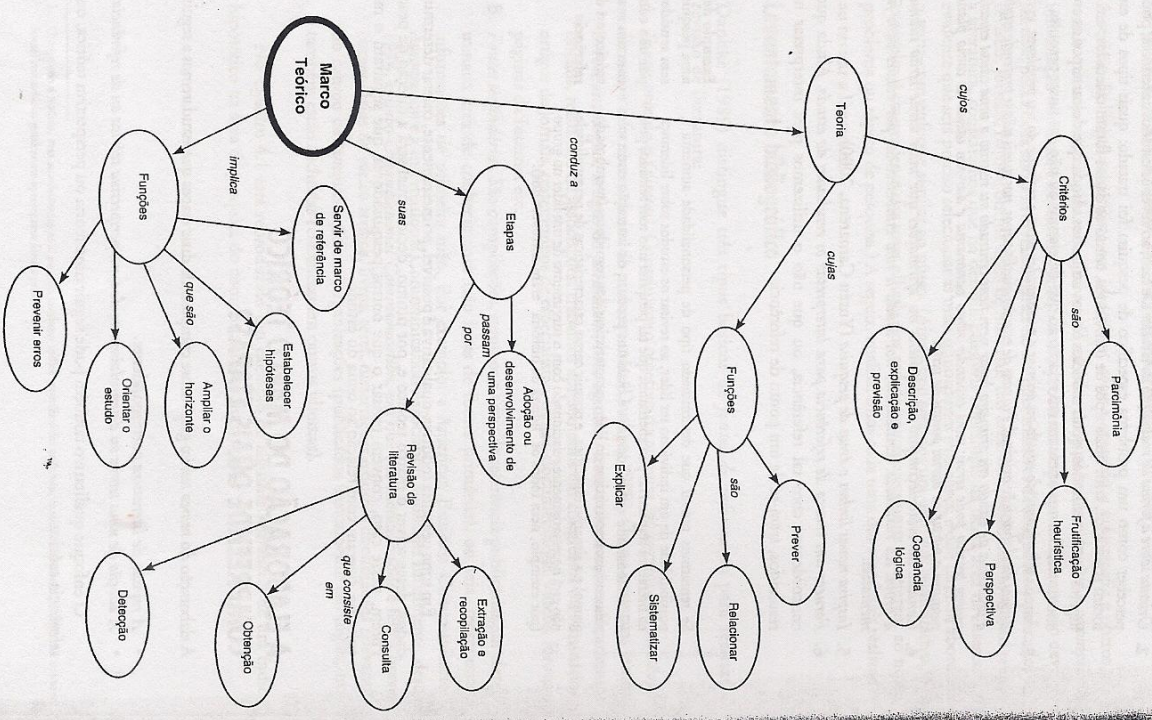


1,75

Ampliar o horizonte

4

Capítulo



Aula 3

Elaboração do marco teórico: revisão de literatura e construção de uma perspectiva teórica

PROCESSO DE PESQUISA

Terceiro passo

ELABORAÇÃO DO MARCO TEÓRICO

- Revisão de literatura
- Levantamento bibliográfico
- Obtenção dos materiais
- Consulta aos materiais
- Reorganização das informações interessantes
- Elaboração do marco teórico

Síntese

O capítulo comenta e aprofunda o modo de contextualizar o problema de pesquisa científica elaborado, integrando um marco teórico ou de referência.

São detalhadas as atividades que um pesquisador realiza: levantamento, obtenção e consulta ao material referente ao problema de pesquisa; reorganização das informações interessantes; e construção do marco teórico.

Do mesmo modo, são definidos o conceito de teoria e outros conceitos relacionados com a elaboração de teorias. Os conceitos de teoria e marco teórico estão relacionados com os enfoques quantitativo e qualitativo da pesquisa.

5

Capítulo

Objetivos de aprendizagem

- Ao finalizar o estudo deste capítulo, você deverá ser capaz de:
- Compreender quais atividades devem ser realizadas para revisar a literatura referente a um problema de pesquisa científica.
 - Entender que a literatura não abrange apenas o texto escrito, mas também recursos visuais, auditivos e táteis que possam ser encontrados em meios de comunicação, como a Internet.
 - Desenvolver habilidades na busca e revisão de literatura.
 - Desenvolver, com base na revisão de literatura, marcos teóricos ou de referência que contextualizam um problema de pesquisa científica.
 - Compreender os conceitos relativos à elaboração de teorias.

O MARCO TEÓRICO É NECESSÁRIO PARA QUALQUER PESQUISA, QUANDO SE TRATA DE UM ESTUDO TANTO QUANTITATIVO QUANTO QUALITATIVO?

O ponto de vista dos autores é que é sempre importante visitar o passado para construir o presente e visualizar o futuro. Ou seja, é conveniente localizar, obter e consultar estudos anteriores, livros, revistas científicas, ensaios, teses, fóruns e páginas da Internet, material audiovisual, testemunhos de especialistas e toda a fonte que se relacione com o problema ou tema da pesquisa. Tudo isso independentemente de seguirmos um enfoque quantitativo, qualitativo ou misto.

Marco teórico: implica a análise de teorias, pesquisas e antecedentes considerados válidos no enquadramento do estudo (parâmetros). Não é sinônimo de teoria.

Mesmo quando não adotamos a perspectiva dos estudos anteriores, e mesmo que tenhamos decidido desenvolver um enfoque diferente ou oposto ao já realizado, é recomendável saber como já foi investigado um fenômeno, evento, comunidade ou tópico. Caberá ao pesquisador decidir qual material pode ser útil para aprimorar ou gerar a formulação de seu problema de estudo.

Descartar *a priori* qualquer esforço prévio de conhecimento pode ser um grave erro. Portanto, sempre haverá pesquisas anteriores com as quais descortamos de sua elaboração, enfoque, método ou desenvolvimento.

QUAIS SÃO AS FUNÇÕES DO MARCO TEÓRICO

Uma vez formulado o problema de estudo (ou seja, quando já se tem em mãos os objetivos e as questões de pesquisa) e quando já foram avaliadas sua relevância e viabilidade, o passo seguinte consiste em *sustentar teoricamente o estudo*, etapa que alguns autores chamam *elaboração do marco teórico*. Isso implica analisar e expor as *teorias, os enfoques teóricos, as pesquisas e os antecedentes em geral*, considerados válidos para o correto enquadramento do estudo (Rojas, 2001).

Alguns pesquisadores do enfoque qualitativo afirmam que, em certos casos, o marco teórico se desenvolve após uma imersão no "campo" ou uma primeira coleta de dados (na comunidade a ser estudada, evento a ser analisado, situação a ser explorada etc.), ou que a revisão de literatura é realizada paralelamente à elaboração do problema. E existem aqueles que consideram o marco teórico, às vezes, como o último passo do processo de investigação. Contudo, é comum que se realize antes do início da coleta dos dados ou após uma coleta preliminar.

É importante esclarecer que marco teórico não é igual à teoria; portanto, nem todos os estudos que incluem um marco teórico precisam fundamentar-se em uma teoria. É esse ponto que será desenvolvido neste capítulo.

Seis funções principais do marco teórico

Um marco teórico cumpre diversas funções dentro de uma pesquisa, entre as quais se destacam as seguintes:

1. *Ajudar a prevenir erros que tenham sido cometidos em outros estudos.*
2. *Orientar sobre a forma de realização do estudo.* De fato, ao rever os estudos anteriores, podemos perceber como um problema específico de pesquisa foi tratado: quais tipos de estudos foram realizados, com quais tipos de indivíduos, como os dados foram coletados, em quais lugares foram realizados, quais modelos foram utilizados. Ainda que descartemos os estudos anteriores, eles nos orientam em relação ao que desejamos ou não em nossa pesquisa.
3. *Ampliar o horizonte do estudo ou orientar o pesquisador para o enfoque do seu problema, evitando desvios da elaboração original.* No caso de estudos qualitativos, nos quais não se pretende estabelecer o problema de estudo em primeiro lugar nem ficar restrito a uma causa específica, o marco teórico pode servir para expandir nosso panorama e dar-nos ideias de como planejar a pesquisa a partir de vários pontos de vista.
4. *Conduzir ao estabelecimento de hipóteses ou afirmações que mais tarde serão submetidas à prova na realidade.* Entretanto, nos ajuda a não estabelecer-las por razões bem fundadas.
5. *Inspira novas linhas e áreas de pesquisa* (Yurén Camarena, 2000).
6. *Fornecer um marco de referência para interpretar os resultados do estudo.* Ainda que não concordemos com tal referência, ou que não o utilizemos para interpretar nossos resultados, trata-se de um ponto de referência.

Se tentarmos provar que determinado tipo de personalidade aumenta a possibilidade de um indivíduo ser líder, ao revisar os estudos sobre liderança na literatura respectiva, perceberíamos que na pesquisa não tem sentido, pois foi demonstrado que a liderança é mais um produto da interação entre três elementos: características do líder, características dos seguidores (membros do grupo) e a situação específica, e possuir certas características de personalidade não está necessariamente relacionado com o surgimento de um líder no grupo (por exemplo, nem todos os "líderes da história" eram extrovertidos).

Em uma pesquisa indutiva-qualitativa é possível, primeiramente, coletar determinados dados, desenvolver o marco teórico e, por último, decidir qual será a direção da pesquisa. Porém, nesse caso, convém revisar o que outros pesquisadores, que seguiram o mesmo enfoque, fizeram com relação ao tema do estudo.

A ELABORAÇÃO DO MARCO TEÓRICO COMPREENDE QUAIS ETAPAS?

A elaboração do marco teórico geralmente compreende duas etapas que estudaremos a seguir:

- *A revisão de literatura correspondente.*
- *A adoção de uma teoria ou desenvolvimento de uma perspectiva teórica ou de referência.*

O enfoque qualitativo também pode seguir uma teoria ou perspectiva teórica, ou uma referência teórica.

Exemplo

Exemplo de uma pesquisa sem sentido por não contar com um marco teórico ou de referência

O QUE É A REVISÃO DE LITERATURA?

A revisão de literatura consiste em *identificar, obter e consultar a bibliografia* e outros materiais que sejam úteis para os objetivos do estudo, do qual se deve *extrair e recompor* a informação relevante e necessária sobre o nosso problema de pesquisa. Essa revisão deve ser *seletiva*, pois a cada ano, em diversas partes do mundo, milhares de artigos são publicados em revistas, jornais, livros e outros tipos de materiais nas áreas de conhecimento. Se, ao revisar a literatura, constatamos que há dez mil possíveis referências na nossa área de interesse, é evidente que será preciso selecionar as mais importantes e recentes, e que tenham abordado o tema com enfoque similar ao nosso. (Ainda que sigamos um enfoque quantitativo, por exemplo, é conveniente dar uma olhada nos estudos qualitativos que se referem ao nosso problema ou tópico de pesquisa.) A seguir, analisaremos cada uma das atividades realizadas ao revisar a literatura.

Levantamento bibliográfico

Danhke (1989) distingue três tipos básicos de *fontes de informação* para realizar a revisão de literatura:

- A. *Fontes primárias (diretas)* Constituem o objetivo da *pesquisa bibliográfica* ou *revisão de literatura* e fornecem dados de primeira mão (Danhke, 1989). Como exemplos temos: livros, antologias, artigos de periódicos, monografias, teses e dissertações, documentos oficiais, relatórios de associações, trabalhos apresentados em congressos ou seminários, artigos de jornais, testemunhos de especialistas, filmes, documentários, vídeos, fóruns e páginas da Internet etc.
- B. *Fontes secundárias*. São compilações, resumos e listas de referência publicadas em determinada área de conhecimento (são listas de fontes primárias), ou seja, reprocessam informações de primeira mão. Por exemplo: a American Business Communication Association e a International Communication Association publicam anualmente, desde 1974, o livro *Organizational Communication*, em que são mencionados e feitos breves comentários de vários artigos, livros, teses, dissertações e outros documentos relevantes no campo da comunicação nas organizações (publicados basicamente em inglês, mas também estão incluídas referências em outros idiomas).

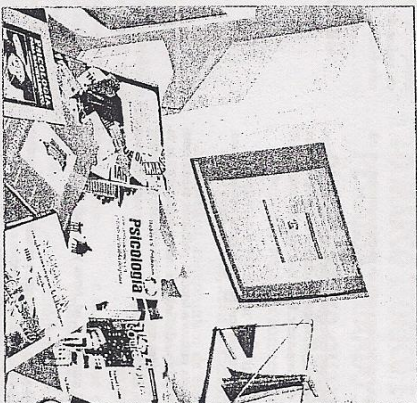
No Quadro 4.1 está reproduzido um exemplo de algumas referências de um índice hipotético na área de pesquisa do comportamento humano.¹

¹ O exemplo é fictício, mas as referências não, ou seja, nenhum índice específico foi utilizado, mas sim elaborado para ilustrar como as fontes secundárias geralmente apresentam fontes primárias.

Exemplo de um índice de referências

Quadro 4.1

- KERLINGER, F. N.; LEE, H. B. *Investigação do comportamento: métodos de investigação em ciências sociais*. 4. ed. México: McGraw-Hill Interamericana Editores, 2002.
- Apresenta aspectos distintos da pesquisa, tais como a elaboração de hipóteses, definição de variáveis, alguns conceitos estatísticos fundamentais, análise de variância, modelos de pesquisa, pesquisa experimental e de campo, técnicas medição por meio de vários métodos, regressão múltipla, análise de fatores e uso do computador. É um livro "classico" amplamente difundido para a utilização em cursos intermediários e avançados.
- KERLINGER, F. N. *Estrutura conceitual de la investigación del comportamiento*. México: Nueva Editorial Interamericana, 1978.
- Concentra-se nas variáveis, hipóteses, relações, medidas estatísticas de uma variável e fatoriais, pesquisas experimental e não-experimental, pesquisa por ensaios, e descreve os princípios de algumas análises multivariadas (análise de variância, regressão múltipla, correlação canônica, análise discriminante e análise estrutural de covariância), inclui várias discussões sobre os métodos quantitativos, significância estatística e um capítulo introdutório do uso do computador na pesquisa do comportamento.
- KERLINGER, F. N.; PEDHAZUR, E. J. *Multiple regression in behavioral research*. 3. ed. Nova York, Holt: Rinehart and Winston, 1997.
- Trato fundamental para a análise de regressão, análise univariada e multivariada da variância, regressão múltipla, análise discriminante correlada, análise "path" e outros métodos multivariados. Explica em detalhes a natureza, o cálculo e as aplicações de cada método e inclui programas de informática para análise de regressão múltipla.
- KRIPPENDORFF, K. *Correlation*. In: MONGE P. R.; CAPPELLA, L. N. (Eds.). *Multivariate techniques in human communication research*. Nova York: Academic Press, 1980. p. 259-308.
- Desenvolve a técnica estatística para extrair "tipologias, conhecida como "agrupamento" (juntar objetos ou variáveis que compartilham qualidades observadas ou dividi-los em classes mutuamente excludentes, cujas relações refletem diferenças nas qualidades observadas).
- LEVINE, R.; HUNTER, J. E. *Statistical and psychometric inference in principal components analysis. Multivariate Behavioral Research*. v. 6, p. 105-116, 1971.
- Mostra como realizar inferências no sentido estatístico e psicométrico da análise de fatores por componentes principais.
- É importante deixar claro que nem sempre as compilações, os resumos e índices ocorrem assim, em alguns casos não há referências comentadas, apenas citações, e a maioria está em idioma inglês. As referências são listadas alfabeticamente segundo a classificação utilizada para ordená-las (por autor, tema, cronologia, área de conhecimento etc.).
- É preciso enfatizar que não apenas os livros e revistas dispõem de índices e sumários, mas também outros materiais como fitas de vídeo, filmes, gravações, palestras em congressos e seminários, páginas da Web, entre outros.
- C. *Fontes terciárias*. Trata-se de documentos com nomes e títulos de revistas e outras publicações periódicas, bem como nomes de boletins, congressos e simpósios, sites da Web, empresas, associações industriais e de diversos serviços (por exemplo, empresas que se dedicam a questões de recursos humanos, marketing e publicidade, opinião pública etc.); títulos de relatórios com informações governamentais; catálogos de livros básicos que contêm referências e dados bibliográficos; e nomes de instituições nacionais e internacionais a serviço da pesquisa. São úteis para detectar fontes não documentais, tais como organizações que realizam ou financiam estudos, membros de associações



científicas (que podem dar assessoria), instituições de ensino superior, agências de informação e departamentos do governo que realizam pesquisas).

Diferença entre fontes secundária e terciária

A diferença está no fato de que uma fonte secundária resume fontes de primeira mão e uma fonte terciária reúne fontes de segunda mão. Uma fonte secundária agrupa referências diretas (por exemplo, artigos de satisfação laboral: artigo de IVANCEVICH, J. M. Different goal setting treatments and their effects on performance and job satisfaction. *Academy of Management Journal*, v. 29, n. 3, p. 406-419, set. 1977; artigo de SHARMA, M. School climate and its relationship with principals' effectiveness and teacher satisfaction. *Journal of Psychological Research*, v. 21, n. 3, p. 105-107, set. 1975.

A revisão de fontes de fontes secundárias (revisas que contém artigos de satisfação laboral como: *Academy of Management Journal*, *Journal of Organizational Behavior and Human Performance*, *Investigation Administrativa*).

Catálogos temáticos, diretórios, guias de índices e buscadores na Internet (como Yahoo, Google, Lycos, Virtual Library etc.) costumam desempenhar o papel de fontes secundárias ou terciárias para se chegar às fontes primárias. Mas seu uso deve ter enfoque e orientação, caso contrário passaríamos muitas horas sem encontrar as fontes primárias ou as referências úteis.

Um exemplo de fonte terciária seria um *diretório com dados de indústrias de um país ou diretório de meios de comunicação impressos* (dados de jornais, revistas e outros tipos de publicação). Um catálogo de revistas (como, no caso do Brasil, o catálogo do Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais).

Início da revisão de literatura

Fontes primárias: constituem o objetivo da pesquisa bibliográfica na revisão de literatura e oferecem dados de primeira mão.

A revisão de literatura pode ser iniciada diretamente com a reunião das fontes primárias, que ocorre quando o pesquisador conhece sua localização, está familiarizado com o campo de estudo (possui as informações completas sobre os artigos, livros e outros materiais relevantes para a pesquisa, sabe onde está e quais foram os avanços da disciplina) e tem acesso às informações (pode utilizar material de bibliotecas, filmotecas, hemerotecas, bancos de dados e serviços de informação). Contudo, é pouco comum que isso aconteça, especialmente em países onde se conta com um número reduzido de centros de compilação bibliográfica e, muitas vezes, as coleções de revistas estão incompletas ou não se encontram atualizadas, nem dispõem de muitos livros ou outros documentos.

Mesmo sendo a Internet uma importante ferramenta na busca de fontes primárias, a localização direta de tais fontes pode levar muito mais tempo do que se recorreremos às fontes secundárias.

Por isso, é recomendável iniciar a revisão de literatura consultando um ou vários especialistas no tema e buscar as fontes secundárias ou terciárias (entre estas, os diretórios, os sites de busca, a Web e as "salas virtuais" da Internet) para, dessa forma, localizar e recompilar as fontes primárias, que constituem o objetivo final da revisão de literatura. Do mesmo modo, é importante lembrar que aqueles que trabalham com fontes secundárias e terciárias são especialistas na área e é preciso aproveitar adequadamente seus esforços.

É aconselhável, em especial para aqueles que não tenham feito uma revisão de literatura, buscar um centro de informações que esteja conectado a diversos bancos de referências, diretórios, sites de busca ou bancos de dados; ou visitar tais centros pela Internet (cada um desses bancos agrupa milhares de referências ou fontes primárias dentro de determinado campo de conhecimento). Os centros oferecem orientação sobre os bancos mais convenientes para conectar-se, de acordo com o problema de pesquisa em particular. Por exemplo, no caso de termos desenvolvido uma pesquisa sobre o noivado, acessaríamos *Psychological Abstracts*, que inclui referências sobre relações interpessoais e, entre elas, é claro, o noivado.

Ainda existem bancos de dados que são consultados manualmente, nos quais se buscam referências em livros. Um banco de dados pode ser uma fonte secundária ou terciária, segundo a informação que contém e a forma como está organizada. Quando constitui uma fonte secundária, a organização é temática, alfabética ou cronológica, e para consultá-la é conveniente precisar muito bem o tema da revisão de literatura (por meio de palavras-chave que identifiquem o problema de estudo) e começar com o período mais recente, porque essa classe de referências contém as informações mais importantes das referências anteriores, além de conter dados mais atuais e novos.

Se quisermos fontes específicas na Internet, podemos colocar as palavras-chave entre aspas (por exemplo, "sentido da vida", "energia de hidrogênio", "autorretrato Velázquez"...). As palavras não-diferenciadas do nosso tema, ambíguas, gerais, aplicáveis a vários campos, talvez nos levem a uma busca infrutífera.

Buscando na Internet, se algo não funcionar, devemos evitar repetir o caminho seguido; não é recomendável recorrer a sites com forte uso comercial. Iniciar com diretórios temáticos quase sempre é a melhor estratégia.

Em Librarians Index, Infomine, Academic Info, AltaVista, Yahoo e Google, raios diretórios são encontrados e são detectadas fontes de interesse com as palavras-chave, autores, títulos, temas, bem como o operador booleano (and/ e, not/ou, or/ou, +/mais, -/menos ou exclud/).

Por exemplo, se quisermos aprender a procurar literatura na Internet, nosso tema de estudo seria *Pesquisa na Internet*, e recorreríamos ao Google com as palavras-chave entre aspas "research manual Internet", para chegar a vários manuais de universidades renomadas sobre como realizar uma pesquisa futura na Internet.

Em suma, para identificar a literatura de interesse, que servirá para elaborar o marco teórico, podemos:

Revisão de literatura: consiste em identificar, obter e consultar a bibliografia e outros materiais que sejam úteis para os objetivos do estudo, do qual se deve extrair e recompilar as informações relevantes e necessárias sobre o problema de pesquisa.

- a) Buscar diretamente as fontes primárias ou originais, quando se conhece bem a área de conhecimento em questão.
- b) Consultar especialistas na área que orientem o levantamento da literatura pertinente e de fontes secundárias, para localizar as fontes primárias, que é a estratégia mais comum do levantamento de referências.
- c) Revisar fontes terciárias para localizar fontes secundárias e lugares onde obter informações, para detectar através delas as fontes primárias de interesse.
- d) Utilizar sites de busca na Internet, diretórios, bancos de dados e páginas de especialistas no tema (muitas vezes estão indicadas nas páginas das universidades).

Obtenção (recuperação) dos materiais

Já identificadas as fontes primárias pertinentes, é necessário localizá-las nas *bibliotecas físicas e eletrônicas, filmotecas, hemerotecas, videotecas ou outros lugares onde sejam encontradas (incluindo os sites na Internet)*. No entanto, nem sempre é possível localizar todas as fontes primárias, pois, às vezes, elas não estão disponíveis. Por exemplo, suponhamos que entre as referências que se quer localizar esteja um artigo publicado em uma revista científica. Pode ser que nenhuma biblioteca da região receba a revista ou que nenhuma tenha o número que se está procurando; ou ainda que o custo para acessar esse artigo pela Internet seja muito alto. Por essa razão, quase nunca será possível dispor de todas as fontes primárias que devemos consultar, mas é importante localizar e revisar a maioria delas, sobretudo as mais recentes e aquelas escritas ou publicadas (no caso de referências escritas) ou realizadas (em outros casos) pelos especialistas de maior destaque na área de interesse.

Para obter fontes primárias indisponíveis na localidade, existe a possibilidade de escrever ou enviar um e-mail à alguma biblioteca de outra localidade, à editora (no caso de revistas e livros) ou a quem tenha produzido o material para ver se possuem um exemplar. Também é possível tentar conseguir uma lista dos membros de alguma associação científica e contatar um especialista no tema que nos interessa. A maioria dessas associações tem essa lista impressa ou em uma página da Web, e talvez algum professor universitário ou pesquisador de nosso conhecimento a possua. Além disso, alguns centros de informação ou instituições com acesso a bancos de dados oferecem o serviço de recuperação de fontes primárias e levam um tempo razoável para entregá-las. Desse modo, se as obtivemos diretamente e as "baixamos" em nosso computador, o acesso é quase imediato.

Consulta aos materiais

Uma vez localizadas fisicamente as fontes primárias (a literatura), segue-se a *consulta dos materiais*. O primeiro passo consiste em selecionar as fontes que serão úteis para o nosso marco teórico específico. Às vezes, uma fonte primária pode referir-se ao nosso problema de pesquisa, mas não ser útil, porque uma fonte primária pode tratar de assuntos que pretendemos estabelecer, novos estudos encontraram explicações mais satisfatórias ou que invalidaram seus resultados ou que discordaram de suas conclusões; foram detectados erros de metodologia, foi realizada uma pesquisa em contextos completamente diferentes da pesquisa atual etc. Caso o levantamento bibliográfico tenha sido feito mediante compilações

ou bancos de dados que incluam um breve resumo de cada referência, o resumo é menor de termos escolhido uma fonte primária ou referência inútil.

Em todas as áreas de conhecimento, *as fontes primárias mais utilizadas para elaborar referências, marcos teóricos são livros, revistas científicas e palestras ou trabalhos apresentados em congressos, simpósios e outros eventos similares*, entre outras razões, pelo fato de as fontes primárias sistematizarem mais informações, em geral por aprofundarem mais o tema que desenvolveram, é menos oneroso obtê-las e utilizá-las e são altamente especializadas. Além de poderem ser acessadas pela Internet.

No caso dos livros, para delimitar sua utilidade por questão de tempo, é conveniente começar analisando o sumário ou índice, e o índice analítico ou remissivo, os quais proporcionam um panorama bastante amplo sobre os temas tratados na obra. Quando se trata de artigos de revistas científicas, o mais adequado é revisar primeiramente o resumo e, caso o considere útil, revisar as conclusões, os comentários ou a discussão no final do artigo ou, em último caso, todo o artigo.

Com o objetivo de selecionar as fontes primárias que servirão para elaborar o referencial ou marco teórico, é conveniente fazer as seguintes questões: a referência se relaciona com o meu problema de pesquisa? Como? De quais aspectos trata? Ajuda a desenvolver minha pesquisa de maneira mais rápida e profunda? O tema é abordado de qual perspectiva? Da psicológica, antropológica, sociológica, jurídica, econômica, comunicológica, ou administrativa? A resposta a essa última questão é muito importante. Por exemplo, se pretendemos estudar a relação entre superior e subordinado em termos do efeito que a resposta positiva do primeiro tem na motivação para o sucesso do segundo, a pesquisa possui um enfoque principalmente comunicológico. Suponhamos que encontremos um artigo sobre a relação entre chefe e subordinado, mas trate das atribuições administrativas que certo tipo de subordinado tem em determinadas empresas. É óbvio que esse artigo deve ser descartado, pois enfoca o tema de outra perspectiva.

Isso não significa que não se recorra a outros campos de conhecimento para complementar a revisão de literatura: em alguns casos, encontram-se referências de suma importância em outras áreas.

No que se refere à *bibliografia*, alguns pesquisadores acreditam que não se deve recorrer a obras elaboradas no exterior, porque as informações apresentadas e as teorias obtidas foram elaboradas para outros contextos e situações. Mesmo que isso esteja certo, não significa que se deva descartar ou não utilizar tal material, a questão é saber como usá-lo. É possível que a *literatura estrangeira* ajude o pesquisador nacional de diversas maneiras: pode oferecer-lhe um bom ponto de partida, orientá-lo no enfoque e tratamento que será dado ao problema de pesquisa, orientá-lo em relação aos diversos elementos que intervem no problema, centrá-lo em um problema específico, sugerir-lhe como elaborar o marco teórico, adotar um enfoque quantitativo, qualitativo ou misto etc.

Em muitas ocasiões, os resultados de pesquisas realizadas no exterior chegam a diferir dos resultados obtidos em pesquisas no próprio país. Fato que nem sempre ocorre, pois há diversos fenômenos do comportamento que apresentam várias semelhanças em contextos distintos (por exemplo, os fatores que determinam a inteligência, a motivação laboral, a memória, a aprendizagem de conceitos, a personalidade descartar a idéia de que é possível estabelecer a delinqüência juvenil), negá-lo significaria descartar a idéia de que é possível estabelecer princípios gerais do comportamento humano, da economia, da legislação, da construção, da



saúde etc. Mas isso não quer dizer que não tenhamos de levar em conta tais pesquisas (às vezes, as teorias em essência são as mesmas, mas a maneira como são aplicadas difere em alguns aspectos e detalhes). Portanto, certos fenômenos evoluem ou mudam com o tempo.

Um caso ilustrativo são os estudos de Rota (1978) cujo objetivo primordial era analisar o efeito que a exposição à violência na televisão tem sobre o comportamento agressivo das crianças. Quando o autor citou revisou a literatura, constatou que praticamente não haviam sido realizados estudos prévios no México, mas que nos Estados Unidos várias pesquisas haviam sido feitas e que, inclusive, traziam distintas teorias a respeito (teoria do reforço, teoria da catarse e as teorias dos efeitos disfuncionais). O autor se baseou na literatura norte-americana e começou a efetuar estudos no México. Seus resultados diferiram dos encontrados naquele país, ainda que os antecedentes localizados nessa nação tenham constituído um excelente marco de referência e um ponto de partida para suas pesquisas.

Por sua vez, poderia ser que uma geração não tivesse sido influenciada por certos efeitos da televisão e outra geração, sim. Então, as diferenças não são estáticas. Hoje, nossa percepção em relação a diversos fenômenos mudou ao ser decifrado o genoma humano, os atos terroristas de 2001 nos Estados Unidos, o desenvolvimento da telefonia ou os atos locais.

Uma vez selecionadas as referências ou fontes primárias úteis para o problema de pesquisa, essas são revistas cuidadosamente e se extraí a informação necessária para integrar e desenvolver o referencial ou marco teórico. Nesse sentido, é recomendável anotar todos os dados completos da identificação da referência. Pode acontecer de estarmos revisando uma referência que, por alguma razão, tenha que ser devolvida de imediato e que só seja possível recuperá-la após muito tempo, ou talvez a referência desapareça de nosso computador por um defeito no disco rígido etc. Devemos anotar no momento os dados necessários para localizá-la depois, ou recopiar toda a informação desejada. Se estivermos recorrendo a diversas bibliotecas ou sites para localizar as fontes primárias, também é conveniente anotar onde se encontra a referência e, se possível, seu código dentro do sistema de classificação da biblioteca, hemeroteca ou videoteca, ou guardá-la na seção "favoritos" do computador.

Recompilação das informações interessantes

Existem diversas maneiras de recompilar as informações extraídas das referências. Cada pessoa desenvolve seu próprio método de acordo com a maneira como trabalha. Alguns autores sugerem o fichamento (Rojas, 2001; Paridias, 1999; Garza, 1996; e Becker e Gustafson, 1976). As informações também podem ser recompiladas em folhas soltas, cadernos, em um arquivo em disquete, CD ou disco rígido, há aqueles que gravam as informações em fitas cassete e as incorporam a um documento por meio de tirado digital. A maneira de recompilá-las é o de menos, o importante é que as idéias e os dados necessários sejam extraídos para a elaboração do marco teórico. Em alguns casos, extrai-se apenas uma idéia, um tema, um comentário ou uma citação, em outros, várias idéias são extraídas, a referência é resumida (por exemplo, os resultados de uma pesquisa) ou partes do documento são reproduzidas textualmente. Em todo caso, é indispensável anotar a referência completa de onde as informações foram extraídas, seguindo o tipo e de acordo com as normas da ABNT*.

* NE: A NBR 6023, de agosto de 2002, especifica com mais detalhes os diversos tipos de descrição de referências. Apresentamos aqui apenas alguns exemplos.

Livros

SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título: (Subtítulo). Nº da edição. Cidade: Nome da editora, ano de publicação. Nº de páginas.

Com dois a três autores.*

SOBRENOME DO AUTOR, Nome; SOBRENOME DO AUTOR, Nome.

Com mais de três autores.*

SOBRENOME DO AUTOR, Nome et al.

Capítulo de livro, quando for escrito por vários autores e pessoas (organizador)

SOBRENOME DO AUTOR, Nome. SOBRENOME DO ORGANIZADOR, Nome (org.). Título: subtítulo. Nº da edição. Cidade: Nome da editora, ano de publicação. Nº de páginas inicial e final.

1. Autor diferente do autor do livro

SOBRENOME DO AUTOR DO CAPÍTULO, Nome. Título. In: SOBRENOME DO AUTOR DO LIVRO, Nome. Título do Capítulo. Cidade: Nome da Editora, ano de publicação. Páginas inicial e final.

2. Autor é o mesmo

SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título (do capítulo). In: _____, (Título da obra). Cidade: Nome da editora. Páginas inicial e final.

Artigo de revista

SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título: subtítulo do artigo. Título da revista, cidade, volume, fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

Artigo de jornal

SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo. Título do jornal, cidade, dia, mês e ano. Título do caderno, seção ou suplemento, páginas inicial e final.

Vídeos e filmes

Título: subtítulo do vídeo. Produção de (nome). Cidade: Produtora, ano. Especificação (fita de vídeo, DVD etc.). (tempo da duração, colorido etc.).

* NE: Na padronização de nossos livros, utilizamos o critério de empregar et al. para obras com três ou mais autores. Nos exemplos apresentados nos Quadros 4.2, 4.3 e 4.9 seguimos as normas de apresentação de trabalhos científicos. Consultar sempre a ABNT ou as normas de sua Universidade.

Trabalhos apresentados em seminários, conferências, congressos e eventos similares

SOBRENOME DO AUTOR DO TRABALHO, Nome, Título: subtítulo. Ano. Trabalho apresentado ao (nome e nº do evento), nome, cidade e ano.

Entrevistas realizadas com especialistas

SOBRENOME DO ENTREVISTADO, Nome, Assunto ou tema da entrevista. Local do depoimento (cidade), onde aconteceu o pronunciamento, data da entrevista concedida. Entrevista concedida a (Nome).

Teses e dissertações

SOBRENOME DO AUTOR, Nome, Título: subtítulo. Cidade: Instituição, ano, nº de página ou volume. Indicação de dissertação ou tese, nome do curso ou programa da faculdade e universidade, local e ano da defesa.

Trabalhos não publicados (manuscritos)

A informação obtida por correio ou por qualquer meio eletrônico deve ser anotada como referência bibliográfica de uma investigação.

Paleta:

SOBRENOME DO PALESTRANTE, Nome, Título da palestra. Cidade, data. Palestra proferida a [indicação].

Aula, discurso:

SOBRENOME, Nome, Assunto ou título. Cidade, instituição, data. Anotações da aula [curso, discurso].

Programa de televisão ou rádio

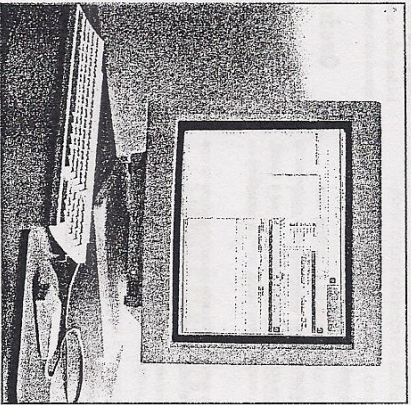
TEMA, Nome do programa. Cidade: nome da TV ou do Rádio, data da apresentação do programa. Nota identificando o tipo de programa.

Artigo de revista na Internet

SOBRENOME DO AUTOR, Nome, Título. Edição. Cidade: ano, Nº de página. Disponível em: <http://...> Acesso em: dia, mês (abreviado), à exceção de maio) e ano.

E-mail

NOME DO REMETENTE, Assunto [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <endereco eletrônico> em data de recebimento.



Para que o leitor possa observar quais informações precisam ser obtidas nos diversos tipos de referência que devem ser incluídas na bibliografia, é recomendável consultar as referências bibliográficas ao final deste livro. Para citar as dezenas de tipos de material, publicações ou dados necessários, recomendamos, ainda, consultar o manual de estilo da American Psychological Association (2005), mesmo para áreas distintas da psicologia.

Como recompilar informações de referências

Ao recompilar informações de referências, é possível extrair uma ou várias ideias. Nos Quadros 4.2 a 4.8, são mostrados alguns exemplos de recompilação de informações extraídas de fontes primárias, com a finalidade de ilustrar o modo como a recompilação é feita em fichamento ou notas de trabalho bibliográfico.

Uma ideia extraída de uma referência

Exemplo de uma ficha bibliográfica com uma ideia

Quadro 4.2

Primário, anota-se o sobrenome do autor, desse modo a referência será localizada mais facilmente no arquivo de uma biblioteca.

HOWITT, Denis. *Mass media and social problems*. Oxford, Inglaterra: Pergamon Press, 1992. p. 52.

Em uma situação de crise macrosocial (guerra, catástrofe, assassinato de uma figura pública, recessão econômica), aumenta a necessidade de a população em obter informações dos meios de comunicação de massa sobre os eventos da crise.

Exemplo de uma ficha bibliográfica com um número

Quadro 4.3

FERNÁNDEZ-COLLADO, Carlos; BAPTISTA, Pilar; ELKES, Deborah. *La televisión y el niño*. México: Editorial Océa 1998, p. 33.

As crianças da Cidade do México assistem, em média, a três horas de televisão por dia.

Uma ideia extraída da referência mais a opinião do pesquisador sobre essa ideia ou algum de seus aspectos

Exemplo de uma ficha bibliográfica com uma ideia e uma opinião

Quadro 4.4

NEISSEER, Uric. The concept of intelligence. In: STENNINGER, Robert J.; DETTERMAN, Douglas K. (Ed.). *Human intelligence: perspectives on its theory and measurement*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1979. p. 179-189.

Ideia

A inteligência em si não existe, exceto como retrato de um protótipo, mas o conceito de pessoa inteligente está baseado em fatos, por exemplo, nas características humanas genuinamente correlacionadas. A semelhança de um indivíduo com o protótipo pode ser medida, ainda que apenas de maneira parcial. Nem todas as atributos relevantes proporcionalmente por si só uma medida padronizada. Tal medida parcial tende a criar seu próprio protótipo e sua própria categoria.

Opinião

Nesse sentido, uma alternativa de psicometria seria não pretender medir "a inteligência", como tal, nem fazer comparações entre indivíduos com relação a esse protótipo geral (que é ambíguo e varia de acordo com os diferentes enfoques existentes para seu estudo). Em contrapartida, talvez fosse conveniente medir as características humanas que algumas pessoas conceberiam como componentes da inteligência (eleonância, orientação espacial) e realizar comparações entre indivíduos com cada uma dessas características em particular. Assim, diríamos que uma pessoa possui maior eleonância que outra etc., mas não diríamos que é mais inteligente.

Exemplo de uma ficha bibliográfica com uma ideia analisada

Quadro 4.5

FREEDMAN, Jonathan L.; SEARNS, David O.; CARLSON, J. Merrill. *Social psychology*. 4. ed. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1981. p. 209.

Descobrir semelhanças com alguém produz maior atração por essa pessoa. Mas a teoria do equilíbrio sugere que o oposto também ocorre, quando alguém se torna atraente para nós, esperamos concordar com essa pessoa em aspectos sobre os quais ainda não conversamos. Em outras palavras, as variáveis atração e semelhança estão correlacionadas. A semelhança aumenta a possibilidade de atração e vice-versa. Quando uma pessoa nos parece atraente, buscamos os aspectos que temos em comum e damos mais importância a esses aspectos, tratando de minimizar as diferenças.

Análise de uma ideia extraída de uma referência

Várias ideias e dados extraídos de uma referência

Exemplo de uma ficha bibliográfica com várias ideias e dados

Quadro 4.6

PANAQUA, J.; Méndez de la Luz. *Grado de aplicación y mercado de trabajo de la mercadotecnia en México*. Centro de Investigación en Ciencias Administrativas de la Sección de Graduados de la Escuela Superior de Comercio y Administración, Instituto Politécnico Nacional, 1980. p. 72, 98, 89-91.

Em um estudo que incluiu 124 empresas de Cidade do México, Guadalajara, Monterrey, San Luis Potosí, Chihuahua, Veracruz e Saltillo (95% localizadas na Cidade do México, 11% em Guadalajara, 8% em Monterrey e 14% nas demais cidades) foram encontrados, entre outros aspectos:

1. Setenta e quatro por cento das empresas não têm planos futuros de estudo de mercado.
2. As empresas mais antigas são aquelas que aplicam mais amplamente o marketing (existe uma relação entre a data da abertura da empresa e o grau de aplicação de tal estudo).
3. Quanto maior o tamanho das empresas, maior o grau de aplicação do marketing (correlação = 0,40, $p < 0,001$).
4. Quanto maior o tamanho das empresas, maior serão os salários oferecidos à equipe que trabalha na área de marketing.
5. As empresas de maior tamanho apresentam maior variedade de profissões entre a equipe da área de marketing.
6. Quanto maior o tamanho da empresa, maior número de cargos existentes na área de marketing.

Reprodução textual de uma ou várias partes da referência

Exemplo de uma ficha bibliográfica com reprodução textual

Quadro 4.7

SEGÓVIA, Rafael. *La politización del niño mexicano*. México: El Colegio de México, 1982. p. 104-105.

Na escola primária há uma clara tendência a laxar de inimigos aqueles países sobre os quais temos pouca informação (França e Inglaterra), que rapidamente cedem perante outras nações que começamos a conhecer (Rússia e Cuba), ou seja, caso não haja um novo elemento capaz de gerar hostilidade em relação a uma nação, como o socialismo ou o comunismo, a ideia de inimidade vai desaparecendo."

"Mas até mesmo a hostilidade contra países socialistas deixa de crescer, estabelecendo-se ou reclinando-se nos grupos de baixo status social, como os operários e camponeses, onde existem maiores níveis de intolerância. A antipatia pelo socialismo se produz, como era de esperar, também nos estados menos desenvolvidos do país."

- Que existem *várias teorias* que se aplicam ao nosso problema de pesquisa.
- Que existem "*partes de teoria com base empírica*, moderada ou limitada, que sugerem variáveis potencialmente importantes e que se aplicam a nosso problema de pesquisa.
- Que existem descobertas interessantes, porém parciais, que não chegam a se ajustar em uma teoria.
- Que existem *apenas insinuações ainda não estudadas* e ideias vagamente relacionadas com o problema de pesquisa.

Em cada caso, varia a estratégia que utilizaremos para *elaborar nosso marco teórico (além do enfoque quantitativo, qualitativo e misto)*, entretanto, é preciso explicar alguns termos que empregamos nesse assunto. Por exemplo, o que é uma teoria? E quais são suas funções? Revisemos então esses conceitos. Devemos esclarecer que muito poderia ser dito de uma teoria (inclusive existem obras completas dedicadas só a esse tema), contudo, por não ser esse o objetivo principal do livro, trataremos apenas de alguns aspectos.

Aceções do termo "teoria"

O termo "teoria" é utilizado de diferentes maneiras para indicar questões distintas. Ao revisar a literatura relacionada, nos deparamos com definições contraditórias ou ambíguas, além disso, conceitos como teoria, orientação teórica, marco teórico de referência, esquema teórico ou modelo são usados ocasionalmente como sinônimo e outras vezes com leves matizes diferenciais (Sjoberg e Neri, 1980, p. 40).

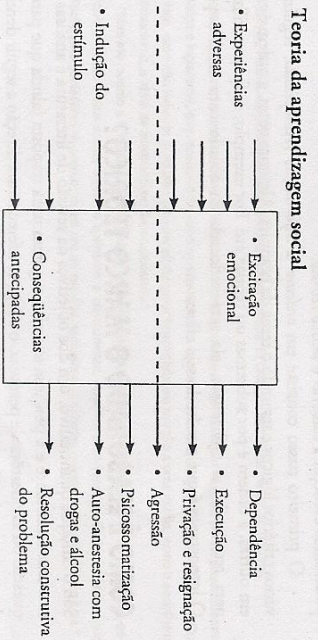
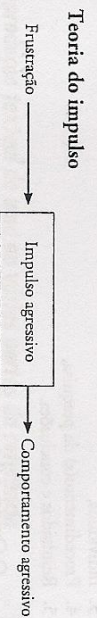
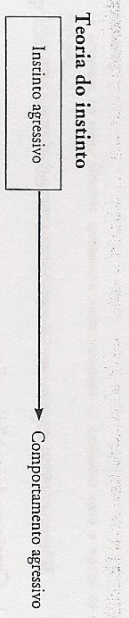
Em certas ocasiões, esse termo indica uma *visão de ideias que uma pessoa tem a respeito de algo* ("eu tenho minha própria teoria sobre como educar os filhos"). Outra concepção considera as teorias como *conjuntos de ideias não comprovadas e incompreensíveis*, que estão nas mentes dos professores e dos cientistas, e que têm pouca relação com a "realidade" (Black e Champlin, 1976). Com muita frequência, as teorias são vistas como algo totalmente desvinculado da vida cotidiana. Existem até mesmo aqueles que pensam que, como não tratam de "problemas relevantes" da vida diária (por exemplo, como conseguir trabalho ou tornar-se rico, conquistar uma pessoa, ganhar dinheiro em um cassino, ter uma vida matrimonial feliz ou superar uma tragédia), não têm nenhuma utilidade (ibidem). De acordo com esse ponto de vista, apenas quando as teorias explicam como viver melhor devem ser levadas a sério.

Também existem aqueles que acreditam que a teoria representa *ideias simples* para as quais não existem procedimentos empíricos relevantes para medi-las ou coletar dados sobre elas. Essa concepção confere à teoria certa qualidade mística (ibidem). Nessa perspectiva, a informação obtida da realidade sobre uma proposição teórica serve unicamente para ser refutada, pois não capta toda a "essência" ou outra qualidade não mensurável do fenômeno investigado (ibidem). Uma vez que o fenômeno seja mensurável, observável ou passível de coleta de dados, deixa de ser importante desse ponto de vista teórico. Para aqueles que estão de acordo com esse enfoque, aparentemente o "teórico" é algo que não se pode medir, que escapa do escrutínio empírico. Portanto, não importa quantas pesquisas sejam realizadas, o resultado será sempre "teoricamente irrelevante" ou, pelo menos, de transcendência secundária. Essas interpretações, a nosso ver errôneas, provocaram controvérsias e conduziram a pesquisa por diferentes caminhos.

Alguns cientistas do comportamento humano identificaram *como teoria qualquer classe de comportamento*. Conceitos como nacionalismo, cultura, meios de comunicação de massa, opinião pública, quando definidos e utilizados na interpretação de materiais de pesquisa, equiparam-se à teoria social (Sjoberg e Neri, 1980). Por essa razão se fala da teoria da opinião pública, teoria da informação, teoria da socialização, entre outras.

Outro uso do termo "teoria" é como o *pensamento de algum autor*, ou seja, identifica-se a teoria com os textos de autores clássicos nas ciências do comportamento, como Karl Marx, Max Weber, Emile Durkheim, Buhus Frederic Stinner, Wilbur Schramm e Sigmund Freud. Mas isso significaria igualar o conceito de "teoria" com a "história das ideias" (Sjoberg e Neri, 1980). Como parte dessa noção de teoria, algumas pessoas utilizam o termo como sinônimo de "escola de pensamento".

Há aqueles que concebem a teoria como *esquema conceitual* (Ferman e Levin, 1979). Nesse sentido, a teoria é considerada como *um conjunto de conceitos relacionados que representam a natureza de uma realidade*. Por exemplo, na psicologia social, os esquemas da Figura 4.1, que relacionam vários conceitos, são considerados representações técnicas motivacionais da agressão.



Esquematização de análises motivacionais alternativas da agressão³

Figura 4.1

3 Estratido de Bandura (1978, p. 17).

Como qualquer tipo de esquema, os esquemas conceituais que representam as teorias não abrangem toda riqueza que elas possuem. Nos esquemas da Figura 4.1, os conceitos são bem relacionados – inclusive de forma sequencial – e proporcionam um panorama das razões pelas quais surge a agressão, não especificam como os conceitos se relacionam entre si, pois apenas assinala que cada conceito tem um efeito sobre o outro. Por exemplo, o terceiro esquema (teoria da aprendizagem social) não nos indica se as experiências adversas e as induções do estímulo estão relacionadas, tampouco se menciona como é provocada a reação final. Sabe-se que depende da excitação emocional e das consequências antecipadas, mas não são especificados quais tipos de consequência estão associados à dependência ou à agressão, à resolução construtiva do problema etc.; nem é especificado se a quantidade de experiências adversas é diretamente proporcional à excitação emocional. Assim, o esquema é apenas um guia para compreender a agressão, ainda que nos ofereça todos os elementos para entendê-la a fundo.

O mesmo acontece com os outros esquemas que, ainda que sejam mais simples, apenas relacionam conceitos. O segundo, por exemplo, não indica se a maior frustração corresponde ao maior impulso agressivo, ou maior a frustração, menor o impulso agressivo. De fato, nesse caso, seja por nossa lógica ou por estarmos familiarizados com o fenômeno, sabemos que a primeira hipótese é a que ocorre normalmente (quanto maior a frustração, maior o impulso agressivo e maior a probabilidade de que se apresente um comportamento agressivo com mais intensidade). Mas isso se deve ao conhecimento que obtivemos em outras fontes, não graças ao esquema.

A definição científica

Por último, outros pesquisadores conceituam a teoria como explicação final ou conhecimento que nos ajuda a entender situações, eventos e contextos. Nessa acepção, a teoria consiste em um conjunto de proposições inter-relacionadas, capazes de explicar por que e como um fenômeno ocorre, ou de visualizá-lo. Nas palavras de Keilinger (2002, p. 10): “uma teoria é um conjunto de construções (conceitos), definições e proposições relacionadas entre si, que apresentam uma visão sistemática de fenômenos especificando relações entre variáveis, com o objetivo de explicar e prever os fenômenos”⁴.

O significado de teoria que adotaremos no livro *é este último*, que se encontra presente, em maior ou menor grau, em diversos autores além de Keilinger. Por exemplo:

“Uma teoria é um conjunto de proposições relacionadas sistematicamente que especificam relações causais entre variáveis” (Black e Champion, 1976, p. 56).

“As teorias não apenas consistem em esquemas ou tipologia conceituais, mas também contêm proposições semelhantes às leis que inter-relacionam dois ou mais conceitos ou variáveis ao mesmo tempo. Além disso, essas proposições devem estar inter-relacionadas entre si” (Balock, 1985, p. 12).

“Uma teoria é um conjunto de proposições inter-relacionadas logicamente na forma de afirmações (asserções) empíricas sobre as propriedades de classes infinitas de eventos ou coisas” (Gibbs, 1972, p. 5).

⁴ Substituímos o termo “construções” por “construções”, como fizemos ao traduzir o livro de Keilinger em edição subsequente.

Um último comentário sobre as teorias como *termínio da explicação* é que elas *podem estar acompanhadas de esquemas* (inclusive muitos autores os utilizam para fins didáticos e como ilustração dos conceitos teóricos mais importantes). O fato de um esquema conceitual não especificar vários aspectos da teoria a qual faz referência e não ser uma explicação completa do fenômeno não significa que não tenha utilidade. Simplesmente mencionamos que esse é um significado atribuído ao termo “teoria”. Muitos esquemas conceituais vêm acompanhados de explicações adicionais que nos ajudam a entender um fenômeno esse é o caso da teoria da aprendizagem social e da agressão (Bandura, 1977 e 1978).

Como os enfoques quantitativo, qualitativo e misto utilizam a teoria?

O uso da teoria deve ser coerente com o enfoque escolhido para a pesquisa (em Grinnell, 1997). Os enfoques quantitativo e qualitativo utilizam as teorias existentes, porém de maneira diferente. Os pesquisadores quantitativos, baseando-se na teoria disponível desde o início de seu estudo, criam hipóteses que contêm variáveis mensuráveis, as quais são testadas segundo o enfoque. Tais hipóteses não são produto da imaginação, mas são derivadas do conhecimento e da teoria existentes, a qual é analisada e aprofundada como parte do plano de pesquisa. A teoria e a literatura são utilizadas de maneira dedutiva.

Os pesquisadores qualitativos empregam a literatura e a teoria de forma indutiva, muitas vezes são consideradas quando criam o projeto de estudo e as desenvolvem até o final do estudo. As pesquisas qualitativas não requerem hipóteses definidas rigorosamente para começar seu trabalho. Desse enfoque, alguns autores afirmam que formulariam hipóteses, outros argumentam que o exercício de desenvolver hipóteses poderia ser contraproducente e que em seu estudo bastaria seguir uma meta geral de entendimento do fenômeno, evento ou tema pesquisado. A clareza sobre os conceitos importantes surgiria da coleta de dados no campo ou no contexto estudado (por exemplo, como resposta àquilo que os indivíduos têm a dizer), mas não necessariamente como resposta a crenças anteriores e a uma teoria. Além disso, o conceito de contraste teoria-realidade, mencionado, poderia perder sentido dessa óptica. Um exemplo disso seria um estudo do sentido da vida para enfermos em fase terminal: o pesquisador qualitativo pretenderia, antes de mais nada, obter informações sobre o sentido da vida para cada paciente, sob a luz das experiências únicas no contexto em que ocorrem. Essa meta não está dissociada do conhecimento existente nem ignora forçosamente a teoria prévia, porém, como insistimos neste capítulo, é preciso assegurar-se de que o conhecimento preexistente não vá interferir nos métodos e procedimentos de obtenção das informações necessárias dos indivíduos. Assim, o pesquisador qualitativo deve minimizar a possível interferência dos fundamentos anteriores e as pré-concepções existentes.

Na visão qualitativa, a teoria informa o pesquisador, mas, em última instância, o estudo é conduzido pela situação, pelo trabalho de campo e pelos indivíduos (Grinnell, 1997). Às vezes, a teoria serve apenas para demarcar a área do problema de estudo.

Teoria (Keilinger): conjunto de conceitos, definições e proposições relacionadas entre si que apresentam um ponto de vista sistêmico de fenômenos; especificando relações entre variáveis com o objetivo de explicar e prever fenômenos.

Quais são as funções da teoria?

Uma reflexão sobre a utilidade das teorias

Quando algumas pessoas falam a palavra teoria como tema de um curso, perguntam-se se será ou não útil, tratar das teorias e se questionam: Para que ver as teorias se elas não estão vinculadas com a realidade? Ainda que seja cada vez menor o número daqueles que dividam da utilidade de uma boa teoria, alguns ainda não têm certeza de que compreender as teorias seja produtivo e frutífero, porque geralmente não analisaram com profundidade a utilidade de uma teoria nem viveram a sua aplicação na realidade. Às vezes, o que ocorre é que não sabemos como aplicar uma teoria ao mundo real, ou seja, não é que a teoria não possa ser aplicada, mas nós é que não encontramos a maneira de fazê-lo.

Duvidar da utilidade de uma teoria se deve à concepção errada que se tem dela. Siga esse raciocínio: a teoria é o objetivo final da pesquisa científica, que trata de fatos reais. Se a pesquisa científica está interessada na realidade, então por que teria como objetivo algo que não tem relação com a realidade (a teoria)? Porque a teoria constitui uma descrição e explicação da "realidade" ou de um contexto.

No enfoque de indutivo, às vezes se pretende criar teorias, mesmo que nem sempre se procure generalizá-las nem encontrar leis ou princípios, mas apenas descobrir manifestações da teoria ou suas variações em contextos específicos.

Funções das teorias

1. *A função mais importante de uma teoria é explicar, dizer por que, como e quando ocorre um fenômeno.* Por exemplo, uma teoria da personalidade autoritária deve ser capaz de explicar, entre outras questões, em que consiste esse tipo de personalidade, como surge e por que uma pessoa dominadora se comporta de certa maneira perante determinadas situações. Uma teoria pode ter maior ou menor *perspectiva*. Existem teorias que englobam diversas manifestações de um fenômeno. Por exemplo, uma teoria da motivação que pretenda descrever e explicar o que é e como surge a motivação em geral. Existem outras que envolvem apenas certas manifestações do fenômeno, por exemplo, uma teoria da motivação que procure descrever e explicar o que é a motivação no trabalho, como se origina e o que a afeta.
2. Uma segunda função consiste em *sistematizar ou ordenar o conhecimento* sobre um fenômeno ou uma realidade, conhecimento que, muitas vezes, está disperso e desorganizado.
3. Outra função, muito associada à função de explicar, é a de *prever*, ou seja, antecipar como um fenômeno vai se manifestar ou ocorrer dadas certas condições. Por exemplo, uma teoria adequada sobre a tomada de decisão dos eleitores deverá conhecer quais são os fatores que afetam o voto e, contando com informações válidas e confiáveis a respeito de tais fatores, em relação a um contexto determinado de eleição, previria qual o candidato que venceria essa eleição. Nesse sentido, a teoria proporciona conhecimentos dos elementos que estão relacionados com o fenômeno sobre o qual faremos a previsão. Se houvesse uma teoria adequada sobre os tremores de terra, saberíamos quais fatores provocam um abalo sísmico e quando é provável que ocorra. Assim, caso alguém familiarizado com a teoria observasse tais fatores, poderia prever o fenômeno e o momento em que aconteceria.

Frequentemente, para explicar e prever qualquer fenômeno ou fato da realidade é preciso a *participação de várias teorias*, uma para cada aspecto do fato (Yurén Camarena, 2000). Existem fenômenos que, por sua complexidade, exigem várias teorias para sua previsão: a órbita de uma nave espacial, a produtividade de um indivíduo (onde são necessárias teorias da motivação, satisfação no trabalho, desenvolvimento de habilidades, desempenho), o grau de satisfação dos cônjuges em um casamento etc. Mas é indiscutível que uma teoria *aumenta o conhecimento* que temos sobre um fato ou fenômeno, chamado "realidade" do enfoque quantitativo.

No enfoque qualitativo, as funções poderiam ter pouco valor em certas pesquisas, centrando-se um elemento informativo, mas, às vezes, esses critérios são aplicados, ainda que sejam adaptados às circunstâncias da pesquisa.

Qual é a utilidade da teoria?

Comentamos que uma teoria é útil porque *descreve, explica e prevê o fenômeno, contexto, evento ou fato a que se refere, além de organizar o conhecimento e orientar a pesquisa a ser realizada* (principalmente de uma visão quantitativa), e porque informa e ajuda a descrever ou a contextualizar as situações (de um enfoque qualitativo).

Algumas pessoas vêem pouca utilidade nas teorias porque falam uma suposta "teoria" e esta não é capaz de descrever, explicar e prever determinado fenômeno (quando aplicada não funciona). Contudo, isso não quer dizer que as teorias são úteis. Não se deve confundir inutilidade com *inoperância* em um contexto específico. Há teorias que funcionam muito bem em determinado contexto, não em outro e isso não faz que sejam inúteis, mas sim inoperantes dentro de certa situação. Podem até mesmo ser usadas como ponto de referência, desde que não se busque com elas explicar ou prever o fenômeno.

Todas as teorias são igualmente úteis ou algumas teorias são melhores que outras?

Todas as teorias comportam conhecimento e, às vezes, vêem os fenômenos que estudam de ângulos diferentes (Trittlejohn, 2001), mas algumas estão mais desenvolvidas que outras e cumprem melhor suas funções. Para decidir o valor de uma teoria contamos com vários critérios.

Quais são os critérios para avaliar uma teoria?

Os critérios mais comuns para avaliar uma teoria, especialmente do enfoque quantitativo, são:

1. Capacidade de descrição, explicação e previsão;
2. Coerência lógica;
3. Perspectiva;
4. Frustração (neurística);
5. Parcimônia.

1. Capacidade de descrição, explicação e previsão

Uma teoria deve ser capaz de descrever ou explicar o(s) fenômeno(s) a que faz referência. *Descrever* implica várias questões: definir o fenômeno, suas características e componentes, bem como definir as condições e os contextos em que se apresenta, e as distintas maneiras em que se manifesta. Também representa clareza conceitual.

Explicar tem dois significados importantes para o enfoque quantitativo. Em primeiro lugar, significa aumentar o conhecimento das causas do fenômeno. Em segundo lugar, refere-se ao "teste empírico" das proposições das teorias. Se estiverem sustentadas pelos resultados, "a teoria subjacente deve supostamente explicar parte dos dados" (Ferman e Levin, 1979, p. 33). Porém, se as proposições não estão confirmadas na realidade, "a teoria não é considerada como uma explicação efetiva" (idem, *ibidem*).

A *previsão*, do ponto de vista quantitativo, está associada a esse segundo significado de explicação, que depende da evidência empírica das proposições da teoria (*ibidem*). Se as proposições de uma teoria possuem base empírica (ou seja, demonstrou-se que ocorrem sempre, como a teoria explica) é de esperar que, no futuro, voltem a se manifestar do mesmo modo (como previu a teoria). Assim, a teoria da relação entre as características do trabalho e a motivação intrínseca explica que "quanto maior a variedade no trabalho, maior será a motivação intrínseca ante a ele". Portanto, deve ser possível prever, ao menos parcialmente, o nível de motivação intrínseca ao observar o nível de variedade no trabalho (visão quantitativa).

Quanto mais evidência empírica sustenta a teoria, melhor ela poderá descrever, explicar e prever o fenômeno ou os fenômenos estudados por ela.

2. Coerência lógica

Uma teoria tem de ser logicamente coerente, ou seja, as proposições que a integram devem estar inter-relacionadas (não pode haver proposições sobre o fenômeno que não estejam relacionadas entre si), ser mutuamente excludentes (não pode haver repetição ou duplicação) nem cair em contradição interna ou ter incoerências (Black e Champion, 1976).

3. Perspectiva

Refere-se ao nível de generalidade (Ferman e Levin, 1979). Uma teoria possui mais perspectiva quanto maior a quantidade de fenômenos explicados e maior o número de aplicações admitidas. Como mencionam Ferman e Levin (p. 33), "o pesquisador que usa uma teoria abstrata obtém mais resultados e pode explicar um número maior de fenômenos".

4. Fertilização (heurística)

É "a capacidade que uma teoria tem de gerar novos questionamentos e descobertas" (p. 34). As teorias que geram, em maior medida, a busca de novos conhecimentos são as que permitem que uma ciência avance. Esse critério é interessante também para a perspectiva qualitativa.

5. Parcimônia

Uma teoria parcimoniosa é uma teoria simples. Não é um requisito, mas uma qualidade desejável na teoria. Sem dúvidas, as teorias que podem explicar um ou vários fenômenos em diversas proposições sem omitir nenhum aspecto são mais úteis que as que precisam de um grande número de proposições para tal. Desse modo, a simplicidade não significa superficialidade e também se aplica ao enfoque qualitativo.

Na perspectiva qualitativa, uma "boa" teoria deve proporcionar marcos de referência, informar e ampliar horizontes, sem interferir no trabalho de campo.

Quais estratégias seguimos para elaborar o marco teórico: adotamos uma teoria ou desenvolvemos uma perspectiva teórica?

Depois de analisar o tema das teorias, é o momento de voltarmos à elaboração do marco teórico. O marco teórico ou de referência dependerá basicamente de dois fatores: o que nos revele a revisão de literatura e o enfoque escolhido.

1. Existência de uma teoria completamente desenvolvida

Quando há uma teoria capaz de descrever, explicar e prever o fenômeno, contexto, situação, evento ou acontecimento de maneira lógica, completa, profunda e coerente; e quando reúne os demais critérios de avaliação mencionados, a melhor estratégia para elaborar o marco teórico é usar essa teoria como a própria estrutura do marco teórico. Ao descobrir uma teoria que explique muito bem o problema que nos interessa, devemos ter o cuidado de não pesquisar algo que já foi estudado em profundidade. Imaginemos que alguém pretende realizar uma pesquisa para testar a seguinte hipótese referente ao Sistema Solar: "As forças centrípetas tendem ao centro de cada planeta" (Newton, 1984, p. 61). Seria ridículo, porque é uma hipótese criada há 300 anos, comprovada de modo exaustivo e que já faz parte do conhecimento comum.

Quando encontramos uma teoria sólida que explica o fenômeno ou fenômenos de interesse, devemos dar um novo enfoque ao nosso estudo: do que já foi comprovado, devemos elaborar outros questionamentos, obviamente aqueles que não puderam ser resolvidos com a teoria; ou até mesmo para aprofundar e ampliar elementos da teoria e visualizar novos horizontes. Também pode haver uma boa teoria que ainda não tenha sido comprovada ou aplicada a todo contexto. Se esse for o caso, seria interessante submetê-la a um teste empírico (do ponto de vista qualitativo). Por exemplo, no primeiro caso, uma teoria das causas da satisfação no trabalho desenvolvida e submetida ao teste empírico no Japão que desajamos testar na Argentina ou no Brasil; ou uma teoria dos efeitos da exposição a conteúdos eróticos na televisão que só tenha sido investigada em adultos, mas não em adolescentes.

No caso de uma teoria desenvolvida, nosso marco teórico consistirá em explicar a teoria, proposição por proposição ou em forma cronológica, desdinhando sua evolução. Suponhamos que se tenta resolver o seguinte questionamento: quais são as características



do trabalho relacionadas com a motivação pelas tarefas do trabalho? Ao revisar a literatura, encontra-se uma teoria já desenvolvida, designada como teoria da relação entre as características do trabalho e a motivação intrínseca (de natureza quantitativa). Essa teoria pode ser resumida no modelo da Figura 4.2 (adaptado de Hackman e Oldham, 1980, p. 83).

Nosso marco teórico estaria baseado nessa teoria, incorporando algumas referências de interesse. Assim, o marco poderia ter a seguinte estrutura:

1. A motivação intrínseca com relação ao trabalho.
 - 1.1 O que é a motivação intrínseca no contexto do trabalho.
 - 1.2 A importância da motivação intrínseca no trabalho: sua relação com a produtividade.
 2. Os fatores do trabalho.
 - 2.1 Fatores organizacionais (clima organizacional, políticas da empresa, instalações, características estruturais da organização: tamanho, tecnologia etc.; normas da organização, etc.). (Tratados de forma muito breve porque a pesquisa enfoca outros aspectos)
 - 2.2 Fatores do desempenho (atribuições internas, sentimentos de competência e autodeterminação etc.). (Também tratados de forma muito breve pela mesma razão.)
 - 2.3 Fatores pessoais (conhecimento e habilidades pessoais, interesse inicial pelo trabalho e variáveis de personalidade, necessidades de crescimento e desenvolvimento etc.) (Também tratados de forma muito breve.)
 - 2.4 Fatores de recompensa extrínseca (salário, prêmios e outros tipos de recompensas). (Conenados muito brevemente.)
 - 2.5 Características do trabalho.
 - 2.5.1 Variedade do trabalho.
 - 2.5.2 Identificação das tarefas de trabalho do indivíduo no produto final.
 - 2.5.3 Importância do trabalho.
 - 2.5.3.1 Importância atribuída pela organização.
 - 2.5.3.2 Importância atribuída pelo indivíduo.
 - 2.5.4 Autonomia.
 - 2.5.5 Resposta do desempenho.
 - 2.5.5.1 Resposta de agentes externos (superiores, supervisão técnica e companheiros de trabalho, que também constituem uma forma de recompensa extrínseca).
 - 2.5.5.2 Resposta do trabalho em si.
 - 2.6 Outras características.
 3. A relação entre as características do trabalho e a motivação intrínseca. (Aqui se comentaria como tais características se relacionam entre si e a maneira como se vinculam, como um todo, com a motivação intrínseca. Nessa parte do marco teórico, as características do trabalho seriam usadas em conjunto, enquanto no tópico 2.5 seriam utilizadas individualmente, ou seja, seria aplicado o modelo dos moderadores da relação entre as características do trabalho e a motivação intrínseca, sob forma de resumo.)
- Outra opção seria *agregar* os fatores organizacionais, do desempenho, pessoais e de recompensa extrínseca em um só tópico, visto que esses fatores seriam abordados em termos gerais. Assim, teríamos uma caracterização mais simples.

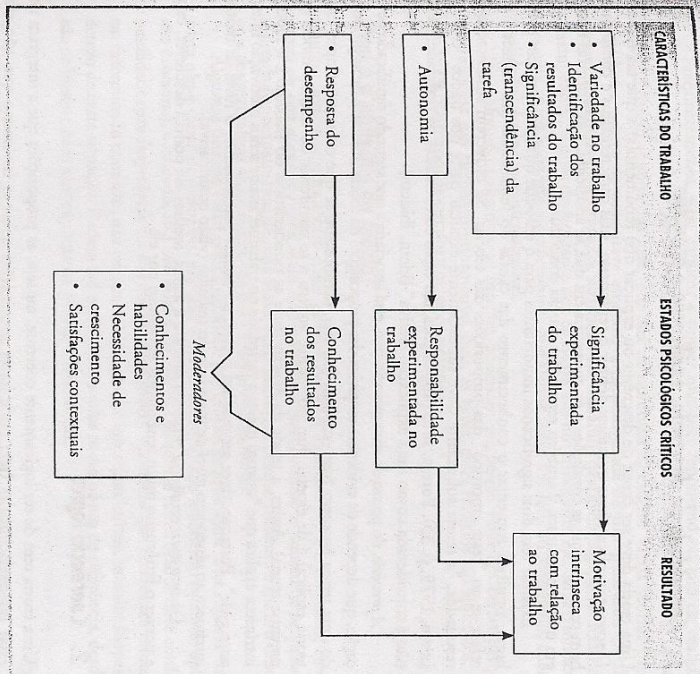


Figura 4.2

Moderadores da relação entre as características de trabalho e a motivação intrínseca

Outro enfoque para nosso marco teórico seria *cronológica*, que consiste em desenvolver historicamente a evolução da teoria (ir analisando as contribuições mais importantes do problema de pesquisa até chegar à teoria resultante). Ao desenvolver cronologicamente os fatores, teríamos a seguinte estrutura para nosso marco teórico:

1. A motivação intrínseca e a motivação extrínseca: uma divisão da motivação em relação ao trabalho.
 - 2.1 Antecedentes.
 - 2.2 Victor Vroom.
 - 2.3 Frederick Herzberg.
 - 2.4 Edward E. Lawler.
 - 2.5 Edward L. Deci.
3. O modelo de reprojeção do trabalho (R. Hackman e G. Oldham).

Nos tópicos seriam abordadas as características do trabalho consideradas por autor ou enfoque específico, assim como sua relação com a motivação intrínseca. Ao final, a teoria resultante seria incluída como produto de anos de pesquisa. Quer decidamos elaborar o marco teórico cronologicamente quer separar a estrutura da teoria (tratando uma a uma as proposições e os elementos principais), o importante é explicar com clareza a teoria e a forma como se aplica ao nosso problema de pesquisa.

No caso de uma pesquisa qualitativa também se poderia utilizar uma teoria, sem alterar necessariamente o enfoque. Por exemplo, supondo que um pesquisador queira investigar o sentido da vida para os habitantes de Valledupar, Colômbia, que acabaram de perder entes queridos por um ataque de grupos armados. O pesquisador pretende iniciar sua pesquisa entrevistando pessoas que viveram tal tragédia (sob o esquema de entrevistas abertas ou estudando a comunidade por meio de observação participativa e qualitativa). Ele está interessado em conhecer os sentimentos vinculados ao sentido da vida e as experiências únicas contadas com as próprias palavras dos habitantes, contextualizar as experiências, entender as consequências e explorar o significado dos fatos para essas pessoas. Não é retirada uma amostragem probabilística nem são estabelecidas hipóteses, tampouco se tenta prová-las.

Seu marco teórico poderia recorrer aos conceitos de Victor Frankl (2001), que analisou e refletiu de modo importante sobre o sentido da vida, à luz de sua experiência em campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial. O índice do marco teórico seria mais ou menos como se segue:

- Psicologia humanista existencial
- Conceito tridimensional do homem
- A vontade de sentido
 - A depressão
 - O vício
 - A agressão
- O homem como ser espiritual
- Inconsciente espiritual
- Modelo concebido por Frankl
- Manifestação do espírito
 - Liberdade
 - Responsabilidade
 - Consciência
- Vias do sentido: realização do sentido da vida
 - Valores da criação
 - Valores vivenciais ou experimentais
- Tipologia de Frankl de acordo com os valores

Contar com um marco teórico não apenas não prejudicaria o estudo, ao contrário, ajudaria a compreender o conceito de sentido da vida e, ao menos, teria excelentes pontos de referência. Tal foi o caso dos estudos qualitativos sobre o sentido da vida desenvolvidos durante os anos de 2001 e 2002 na Universidad de Celaya.

2. Existência de várias teorias aplicáveis ao nosso problema de pesquisa

Quando se encontram várias teorias aplicadas ao problema de pesquisa, ao revisar a literatura, podemos escolher uma na qual nos basear para elaborar o marco teórico (desbrilhando a teoria ou usando a maneira cronológica), também é possível usar partes de algumas ou de todas as teorias.

Na primeira situação, escolhemos a teoria que receba uma avaliação positiva (de acordo com os critérios que já comentamos) e que mais se adapte ao problema de pesquisa. Se o tema de interesse são os efeitos que os programas televisivos com alto conteúdo ético têm sobre os adolescentes, poderíamos encontrar diversas teorias que expliquem o efeito causado pelo sexo visto na televisão, mas apenas uma delas está relacionada com adolescentes, evidentemente, essa deveria ser a teoria selecionada para elaborar nosso marco teórico.

Na segunda situação, utilizáramos apenas aquilo que estivesse relacionado com o problema de estudo. Nesse caso, antes de elaborar o marco teórico, é conveniente fazer um esboço, procurando não cair em contradições lógicas (muitas vezes, diversas teorias estão em total oposição em um ou mais aspectos: se aceitarmos o que diz uma teoria, devemos descartar o que dizem as demais). Quando as teorias são excluídas nas proposições mais importantes, deve-se escolher apenas uma. Mas se diferem unicamente em aspectos secundários, usam-se as proposições centrais mas ou menos comuns a todas, e escolhem-se as partes interessantes e que estão de acordo com cada teoria. Se esse for o caso, selecionamos as proposições primárias e secundárias da teoria com mais evidência empírica e que melhor se aplicam ao problema de pesquisa.

O mais comum na elaboração do marco teórico é usar uma teoria como base e extrair elementos de outras teorias úteis. Em certos momentos, várias teorias são usadas porque o fenômeno de estudo é complexo e é constituído de diversas condutas, cada teoria vê o fenômeno de uma perspectiva diferente e oferece novos conhecimentos.

3. Existência de "partes" de teorias (generalizações empíricas ou microteorias)

Em certos campos do conhecimento não se dispõe de muitas teorias que expliquem os fenômenos estudados, às vezes só existem *generalizações empíricas*, ou seja, proposições que tenham sido comprovadas na maior parte das pesquisas realizadas. Ao revisar a literatura, é muito provável que se encontre uma situação assim. Então, o que fazemos é construir uma perspectiva teórica (nos dois casos anteriores era adotada uma teoria).

Quando encontramos uma única proposição ou pensamos em limitar a pesquisa a uma generalização empírica, ao revisar a literatura, o marco teórico será elaborado incluindo os resultados e as conclusões alcançadas pelos estudos anteriores, de acordo com algum esquema lógico (cronologicamente, por variável ou conceito da proposição, ou pelas implicações das pesquisas anteriores). Se nossa questão de pesquisa for: os indivíduos de um sistema social que encontram uma inovação estão mais expostos aos canais interpessoais de comunicação do que aqueles que adotam a inovação posteriormente?⁵ nosso marco teórico consistiria

5 Exatidão de Rogers e Shoemaker (1971). Exemplos de inovações são a moda, uma nova tecnologia, os sistemas de trabalho etc.

em comentar os estudos de difusão de inovações que, de uma ou de outra maneira, fiziam referência ao problema de pesquisa. Comentar implicaria descobrir cada estudo, o contexto em que foi realizado e os resultados e as conclusões.

Quase todos os estudos elaboraram várias questões de pesquisa ou uma da qual várias proposições são derivadas. Nesses casos, o marco teórico também é constituído pela análise de estudos anteriores que se referem a uma ou a várias das proposições. Os estudos comentam e se relacionam uns com os outros de acordo com um critério coerente (cronologicamente, proposição por proposição, ou pelas variáveis do estudo). Em dados momentos, as proposições se entrelaçam de maneira lógica para tentar elaborar uma teoria (a pesquisa pode começar a integrar uma teoria que estudos futuros se encarregaram de refinar e terminar sua elaboração).

Quando nos deparamos com *generalizações empíricas*, é frequente organizar o marco teórico para cada uma das variáveis do estudo. Por exemplo, se pretendemos investigar o efeito produzido pelas diversas variáveis estruturais das organizações (níveis hierárquicos ou posições na organização, tamanho da organização, tamanho da unidade organizacional ou área, nível de controle do supervisor, intensidade administrativa, percepção ou concepção da hierarquia e hierarquias de linha e assessoria) sobre a comunicação entre superior e subordinado,⁶ nosso marco teórico teria a seguinte estrutura:

1. A comunicação organizacional: o enfoque psicológico centrado no indivíduo e na dupla superior/subordinado versus a tradição sociológica enfocada no grupo e nos níveis organizacionais.
 2. A estrutura organizacional e a comunicação entre superior e subordinado.
 - 2.1 Hierarquia.
 - 2.2 Tamanho da organização.
 - 2.3 Tamanho da unidade organizacional.
 - 2.4 Nível de controle na supervisão.
 - 2.5 Intensidade administrativa.
 - 2.6 Concepção da hierarquização: normas, políticas, papéis e percepções.
 - 2.7 Hierarquia de linhas e assessoria.

Em cada tópico, seria definida a variável e seriam incluídas as generalizações ou proposições empíricas sobre a relação entre a variável e a comunicação entre o superior e o subordinado.

As *generalizações empíricas* descobertas na literatura constituem a base do que serão as hipóteses a ser testadas ou as próprias hipóteses. O mesmo ocorre quando tais proposições formam parte de uma teoria.

4. Descobertas interessantes, mas parciais, que não se ajustam a uma teoria

Podemos organizá-las como antecedentes de alguma maneira lógica, coerente e uniforme, destacando o mais relevante em cada caso e citando-os como pontos de referência. Deve-se aprofundar aquilo que cada antecedente traz.

⁶ Idéia oriunda de Jahlin (1982).

Por exemplo, Núñez (2001) elaborou uma pesquisa para validar um instrumento quantitativo que medisse o sentido da vida de acordo com o pensamento e a filosofia de Victor Frankl. Ao revisar a literatura, notou que havia outros testes logoterapêuticos que mediam o objetivo da vida, mas que não refletiam totalmente o pensamento do autor. Ele elaborou seu marco teórico em torno do modelo concebido por Frankl (manifestações do espírito, liberdade, responsabilidade, consciência, valores etc.) e usou os instrumentos prévios como pontos de referência. Não *adaptou* uma teoria, *adaptou* um esquema de pensamento e enquadrou seu estudo com anteriores (desenvolvimento de outros instrumentos de medição). Em alguns dos tópicos de seu marco teórico foram incluídos pontos como os seguintes:

MEDIÇÃO DO SENTIDO DA VIDA

- Testes logoterapêuticos
- O teste do objetivo vital de Crumbaugh e Maholick (PII)
- Investigações realizadas com PII
- Pesquisas no México
- Teste de Song
- Escala no vazio existencial (EVS) de MMPI
- Questionário do objetivo vital (LPQ)
- O teste do significado do sofrimento de Sarck
- Teste de Belfast
- Logotest de Elizabeth Lukas

Cabe enfatizar que no ano 2002 teve início, com um dos autores, um esforço para desenvolver um instrumento qualitativo para diagnosticar o sentido da vida, segundo a concepção de Frankl.

5. Existência de orientações ainda não pesquisadas e idéias vagamente relacionadas com o problema de pesquisa

Em certas ocasiões, pode-se descobrir que poucos estudos foram realizados dentro do campo de conhecimento em questão. Em tais casos, o pesquisador deve buscar material que, ainda que não se refira ao problema específico da pesquisa, o ajude a orientar-se. Panigra (1985), ao revisar a bibliografia sobre as relações interpessoais entre comprador e vendedor no contexto organizacional mexicano, não detectou nenhuma referência ao tema. Então usou as referências sobre relações interpessoais de outros contextos (relações superior-subordinado, entre companheiros de trabalho e o desenvolvimento das relações em geral) e aplicou tais referências na relação comprador-vendedor industrial para elaborar o marco teórico (por exemplo, a teoria da penetração social e o modelo de como uma relação impessoal se converte em interpessoal; ambos foram mais bem aplicados em outras áreas, como o desenvolvimento da amizade e o noviado, porém foram excelentes pontos de partida para explorar a dimensão interpessoal comprador-vendedor).

Tomemos outro caso para ilustrar como o marco teórico é constituído em situações nas quais não existem estudos prévios sobre o problema de pesquisa. Suponha que pretendemos

analisar quais fatores do contexto de trabalho afetam o medo de sucesso⁷ e a motivação pelo sucesso das secretárias que trabalham na burocracia governamental da Costa Rica. Talvez, veríamos que não há estudos a esse respeito, mas talvez existam pesquisas sobre o medo de sucesso e a motivação do sucesso das secretárias argentinas (ainda que não trabalhem no governo) ou de chefes de departamentos públicos (ainda que não se trate do cargo que nos interessa especificamente). Se esse também não for o caso, talvez existam estudos que tratem de ambas as variáveis com executivos de empresas privadas ou secretárias de departamentos públicos de outros países. Caso contrário, recorreremos às pesquisas sobre o medo e a motivação do sucesso, apesar de provavelmente terem sido realizados entre alunos de outros países. Caso não houvesse nenhum antecedente, recorreríamos aos estudos iniciais de motivação de sucesso de David McClelland e aos estudos sobre o medo de sucesso (Tresemer, 1976 e 1977; Zuckerman, 1975; Janda et al., 1978; Chery e Deaux, 1978). E caso também não existissem, recorreríamos aos estudos gerais sobre medo e motivação. Quase sempre encontramos um ponto de partida. As exceções nesse sentido são muito poucas. As queixas de "não há nada", "ninguém estudou isso", "não sei em quais antecedentes posso me basear", em geral, se devem a uma revisão deficiente de literatura.

Essas duas últimas estruturas (descobertas interessantes e orientações não exploradas) muitas vezes são pertinentes para estudos qualitativos.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O MARCO TEÓRICO

Sempre é conveniente revisar a literatura e apresentá-la de forma organizada (a isso chamamos marco teórico ou marco de referência),⁸ a menos que tenhamos um enfoque qualitativo e consideremos que isso vá interferir em nosso trabalho; e mesmo que nossa pesquisa esteja centrada em um objetivo de avaliação ou medição muito específico (por exemplo, um estudo que apenas pretenda medir variáveis específicas, como o caso de um censo demográfico em determinada comunidade onde se medira: o nível socioeconômico, o nível educacional, a idade, o sexo, o tamanho da família), é recomendável revisar o que foi feito antes (como foram realizados nessa comunidade os censos demográficos anteriores ou, se não existiram antecedentes, como os censos foram efetuados em comunidades similares; quais problemas ocorreram, como foram resolvidos, quais informações relevantes foram excluídas etc.). Isso ajudará a conceber um estudo melhor e mais completo. O mesmo ocorre se estivermos apenas tentando testar um método de coleta de dados (um inventário da personalidade, um questionário que meça determinado conceito, um teste de habilidade etc.), ou coletando informações sobre um dado em especial (se em uma população determinada programa de televisão é assistido ou não, o número de crianças que freqüentam as escolas públicas, a produtividade em uma empresa etc.).

Sem dúvida, muitas vezes, por razões de tempo (urgência na entrega dos resultados) e a própria natureza do estudo, a revisão de literatura e a elaboração do marco teórico são tarefas mais rápidas e simples. Por exemplo, seria diferente o caso de um estudo que

trata-se de uma pesquisa sobre a audiência de um noticiário de rádio ou um estudo sobre a definição da realidade social que alcançam os noticiários de rádio.

Ao elaborar o marco teórico, devemos nos concentrar no problema de pesquisa *sem desviar para outros temas alheios ao estudo*. Um bom marco teórico não é aquele que contém muitas páginas e sim aquele que trata com profundidade apenas os aspectos relacionados com o problema, e vincula, com lógica e coerência, os conceitos e as proposições existentes nos estudos anteriores. Esse é outro aspecto importante que, às vezes, é esquecido: elaborar o marco teórico não significa apenas reunir informações, mas também ligá-las (nisso a redação é muito importante, porque as partes devem estar entrelaçadas e não se deve "brincar" com uma idéia ou outra).

Um exemplo que, apesar de simples, é bastante ilustrativo do que acabamos de comentar seria uma pesquisa que procure investigar como os adolescentes são afetados por sua exposição a programas de televisão com alto conteúdo erótico. Para isso, o pesquisador desenvolveria uma estrutura do marco teórico mais ou menos assim:

1. A televisão.
2. História da televisão.
3. Tipos de programas televisivos.
4. Efeitos macrosociais da televisão.
5. Usos e recompensas da televisão.
- 5.1 Crianças.
- 5.2 Adolescentes.
- 5.3 Adultos.
6. Exposição seletiva à televisão.
7. Violência na televisão.
- 7.1 Tipos.
- 7.2 Efeitos.
8. Sexo na televisão.
- 8.1 Tipos.
- 8.2 Efeitos.
9. O erotismo na televisão.
10. A pornografia na televisão.

Obviamente, isso seria divergir em um "mar de temas". Sempre devemos recordar que é muito diferente escrever um livro, que trate a fundo uma área determinada do conhecimento, do que elaborar o marco teórico onde devemos ser seletivos.

Um segundo fator para desenvolver um marco teórico: o enfoque selecionado (quantitativo, qualitativo ou multimodal [mistos])

Se for qualitativo, é possível simplesmente ignorar a elaboração de um marco teórico (o que não acreditamos ser tão recomendável), ou usá-lo como um ponto de referência e informação, tendo em mente que não interferirá em nosso estudo e não resulte contraproducente, como já foi comentado.

7 Medo de ter sucesso em um trabalho ou outra tarefa.

8 Existem pesquisadores que, quando não encontram uma teoria ou um modelo teórico na literatura precedente, preferem chamar o marco teórico de "marco conceitual ou de referência".

De um enfoque quantitativo, misto ou, em alguns casos, qualitativo, selecionamos a estratégia para elaborar nosso marco de referência, dependendo do que nos revele a revisão de literatura. Vejamos o que pode ser feito em cada caso.

Em relação ao enfoque multimodal ou misto (combinações dos enfoques quantitativo e qualitativo), sugerimos o seguinte, reservadas as condições próprias de cada estudo:

Modelo de duas etapas: Consultar a literatura e a teoria relacionadas com nosso problema ou tema de pesquisa, incluindo os estudos quantitativos, qualitativos e mistos disponíveis, utilizar a literatura e/ou a teoria de acordo com cada fase: indutivamente para a fase qualitativa, e dedutivamente para a quantitativa. É claro que, se tivermos uma teoria desenvolvida no âmbito qualitativo, também podemos usá-la dedutivamente (Grinnell, 1997).

Modelo de enfoque dominante: Consultar a literatura e a teoria relevantes para o tema ou o problema de pesquisa e basear-se naquela que seja compatível com o enfoque principal do estudo. (Se for quantitativo com um componente qualitativo, usá-las dedutivamente, e indutivamente se for o contrário.)

Modelo misto: Consultar a literatura e a teoria vinculadas com o tema ou problema de pesquisa (estudos quantitativos, qualitativos e mistos). Depois, avaliar o enfoque seguido pelos estudos anteriores e incorporar os elementos de maior destaque para nosso estudo (elementos com os quais mais concordamos e aqueles que indiquem o caminho a seguir em nossa pesquisa). Os modelos ou esquemas teóricos apresentados são introduzidos como tentativas suscetíveis a modificações (não assumidas como explicações finais).

Finalmente, podemos seguir vários caminhos para elaborar o marco teórico: a) incluir um marco teórico ou de referência com base quantitativa que será usado dedutivamente e outro com fundamento qualitativo que será utilizado indutivamente; b) incluir marco teórico ou de referência que contenha elementos quantitativos e qualitativos, selecionando aqueles que sejam comuns entre estudos de ambos os enfoques, identificar os elementos que não sejam coerentes e expô-los, com sua fundamentação (diferenciando as premissas contidas em cada estudo); c) incluir marco teórico basicamente quantitativo ou qualitativo e acrescentar algumas observações, modelos ou estudos do outro enfoque, que permitam ampliar o horizonte da pesquisa.

A melhor estratégia dependerá da literatura e da teoria disponíveis (o que vamos encontrar ao revisar estudos precedentes), a maneira como mesclamos os enfoques e a qualidade das pesquisas anteriores (por exemplo, se um estudo quantitativo não relata níveis adequados de validade e confiabilidade, devemos descartá-lo ou, se um estudo qualitativo foi realizado sem um profundo trabalho de campo, também devemos excluí-lo).

FAZEMOS UMA REVISÃO ADEQUADA DE LITERATURA?

Em certos momentos surge a dúvida de se foi feita uma correta revisão de literatura e uma boa seleção de referências que integrarão o marco teórico. Para responder a essa questão, é possível usar os seguintes critérios em forma de questões: Quando respondemos "sim" para todas elas, estamos certos de que, ao menos, nos esforçamos ao máximo e ninguém poderia ter obtido um melhor resultado.

- Recorremos a um banco de dados, seja por consulta manual ou por computador? Pedimos referências pelo menos de cinco anos atrás?
- Procuramos em diretórios, mecanismos de busca e sites na Internet?
- Consultamos no mínimo quatro revistas científicas que costumam tratar o tema de nosso interesse? Consultamos edições de cinco anos atrás?
- Procuramos em algum lugar onde havia teses e dissertações sobre o tema de interesse? Buscamos livros sobre o tema ao menos em duas boas bibliotecas físicas ou virtuais?
- Consultamos mais de uma pessoa que conhece o tema?
- Se, aparentemente, não descobrimos referências em bancos de dados, bibliotecas, hemerotecas, videootecas e filmotecas, contratamos alguma associação científica da área na qual se encontra o problema de pesquisa?

Além disso, quando existem teorias ou generalizações empíricas sobre um tema, caberia fazer as seguintes questões com a finalidade de auto-avaliação:

- Quem são os autores mais importantes no campo de estudo?
- Quais aspectos e variáveis foram pesquisados?
- Existe algum pesquisador que tenha estudado o problema em um contexto similar ao nosso?

Também para os estudos qualitativos: o marco teórico não interfere no trabalho de campo e é um ponto de referência adequado?

Exemplo

O exemplo do noivado
Receptivamos o que foi comentado até agora e retomemos o exemplo do noivado exposto nos dois capítulos anteriores.

Se a jovem interessada em pesquisar como influi a semelhança na avaliação sobre o noivado e a satisfação da relação seguisse os passos que sugerimos para elaborar o marco teórico, ela realizaria as seguintes ações:

1. Recorreria a um banco de dados (com referências sobre relações interpessoais) por meio de um centro de informações ou conexão direta de seu computador. Procuraria referências dos últimos cinco anos em *Psychological Abstracts* (que seria o banco de dados indicado), utilizando as "palavras-chave": *interpersonal* (interpessoal), *relationship* (relacionamentos), *similarity* (semelhança) e *complementarity* (complementaridade). Tanto em português como em inglês. Caso não tivesse acesso a um banco de dados, recorreria às bibliotecas e outros centros de informação de sua área, buscando referências em revistas e fichários. Além disso, escreveria ou enviaria e-mail a alguma associação nacional ou internacional para solicitar informações como: nomes e endereços de especialistas no tema, estudos realizados, instituições de ensino superior que possam ter tratado o tema (recorreria à biblioteca universitária mais próxima, entraria em contato com alguma sociedade de psicologia e outros organismos; revistas especializadas em psicologia, relações humanas e comunicação e família).
2. Selecionaria apenas as referências sobre a semelhança nas relações interpessoais, em especial aquelas relativas ao noivado.
3. Elaboraria seu marco teórico sobre a seguinte generalização empírica, sugerida pela literatura pertinente: "As pessoas tendem a selecionar, para suas relações interpessoais heterossexuais, indivíduos similares a elas no tocante à educação, nível socioeconômico, raça, religião, idade, cultura, atitudes e ainda atributo físico e psíquico". Em outras palavras, a semelhança entre as duas pessoas do caso oposto aumenta a possibilidade de que estabeleçam uma relação interpessoal, como seria o caso do noivado.

A revisão de literatura revelou quais estudos foram realizados sobre o problema de pesquisa e indicou o que está sendo feito na atualidade, ou seja, proporcionou um panorama sobre o nível de conhecimento em que se encontra nossa temática de pesquisa.

Nesse ponto, faz-se necessário voltar a avaliar a elaboração do problema: agora conhecemos a problemática de pesquisa em maior profundidade, pois realizamos uma revisão completa da literatura (estamos mais familiarizados com o tema, portanto com a elaboração do problema). Devemos perguntar: a elaboração do problema se mantém vigente ou requer modificações? Se a resposta for sim, o que deve ser modificado? Vale a pena realizar a pesquisa elaborada? É possível realizá-la? Como podemos melhorar a elaboração original? De que maneira a pesquisa é inédita? O caminho a seguir é o correto? As respostas fazem que a elaboração seja mantida, aperfeiçoada ou substituída por outra. Uma vez reavaliada a elaboração do problema, começamos a pensar em termos mais concretos sobre a pesquisa que vamos realizar.



- O terceiro passo do processo de pesquisa consiste em elaborar o marco teórico, se seguirmos um enfoque quantitativo.
- O marco teórico se integra às teorias, os enfoques teóricos, estudos e precedentes em geral, que se refiram ao problema de pesquisa.
- Para elaborar o marco teórico é preciso detectar, obter e consultar a literatura, e outros documentos pertinentes ao problema de pesquisa, bem como recompilar as informações interessantes.
- A revisão de literatura pode ter início manual ou recorrendo a um banco de dados a que tenhamos acesso por computador.
- A elaboração do marco teórico depende do que encontrarmos na revisão de literatura:
 - a) uma teoria completamente desenvolvida que se aplique ao nosso problema de pesquisa,
 - b) várias teorias que se apliquem ao problema de pesquisa,
 - c) generalizações empíricas que se apliquem a tal problema,
 - d) descobertas interessantes, mas parciais, que não se ajustam a uma teoria, ou
 - e) somente orientações ainda não estudadas e idéias vagamente relacionadas com problema de pesquisa. Em cada um dos casos varia a estratégia para elaboração do marco teórico.
- As teorias são uma fonte importante para a elaboração de um marco teórico. Uma teoria, de acordo com F. N. Kerlinger, é um conjunto de conceitos, definições e proposições vinculadas entre si, que apresentem um ponto de vista sistemático de fenômenos especificando relações entre variáveis, com o objetivo de explicar e prever esses fenômenos.
- Com o objetivo de avaliar a utilidade de uma teoria para nosso marco teórico, podemos aplicar cinco critérios: a) capacidade de descrição, explicação e predição; b) coerência lógica; c) perspectiva; d) frutificação e e) parcimonância.
- O marco teórico dará o rumo para as etapas subsequentes do processo de pesquisa do enfoque quantitativo.
- Os enfoques quantitativo e qualitativo utilizam as teorias existentes, ainda que de maneira diferente.
- O marco teórico não deve interferir no trabalho de campo, no caso dos estudos qualitativos.

Os pesquisadores qualitativos não precisam de hipóteses definidas rigorosamente para começar a trabalhar. Desse enfoque, alguns autores apontam que é possível tê-las; enquanto outros opinam que o exercício de desenvolvimento de hipóteses seria contraproducente e que talvez fosse suficiente seguir uma meta geral de entendimento do fenômeno, evento ou tema pesquisado. A clareza sobre os conceitos importantes surgiria da coleta de dados no campo ou contexto estudado, mas não necessariamente como resposta a uma teoria.

Avaliação da revisão realizada na literatura	Esquema conceitual	Funções da teoria
Critérios para avaliar uma teoria	Estratégia de elaboração do marco teórico	Funções do marco teórico
Elaboração de uma teoria	Estrutura do marco teórico	Generalização empírica
Enfoque qualitativo	Fontes primárias	Marco teórico
Enfoque quantitativo	Fontes secundárias	Revisão de literatura
	Fontes terciárias	Teoria

1. Selecione um artigo de uma revista científica que tenha uma pesquisa e analise seu marco teórico. Qual é o índice (explícito ou implícito) do marco teórico dessa pesquisa? O marco teórico está completo? Está relacionado com o problema de pesquisa? Você acredita que o marco teórico ajudou os pesquisadores nesse estudo?
2. Em relação à elaboração do problema de pesquisa escolhida, procure, pelo menos, dez referências e extraia as informações pertinentes.
3. Escolha duas ou mais teorias que façam referência ao mesmo fenômeno e compare-as de acordo com os critérios de avaliação das teorias.
4. Em relação ao artigo selecionado no primeiro passo, recopie as informações nos diversos campos já vistos (extraia uma idéia, uma cita, uma idéia mais a opinião do pesquisador, analise uma idéia, resuma a referência etc.).
5. Escolha um estudo qualitativo que tenha marco teórico e outro não. Avale ambos os estudos e analise as funções que o marco teórico está desempenhando em cada caso.
6. Elabore um marco teórico pertinente para o problema de pesquisa escolhido desde o início da leitura do texto. Se seu estudo for qualitativo, pense antes se o marco teórico enriquece ou dificulta sua pesquisa.



Exercícios



FONTES
SUGERIDAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *Publication Manual of the American Psychological Association*. 5. ed. Washington: APA, 2001 (procurar sempre a última edição).

MCORMICK, M. *The New York Times guide to reference materials*. Nova York: Random House Value, 1988.

RENNOLDS, P. D. Capítulos Statements, Forms of Theories, Testing Theories e Strategies for Developing a Scientific Body of Knowledge. In: *A primer in theory construction*. Nova York: Macmillan, 1986. Caps. 4 a 7.

UC BERKELEY. Beyond general world wide web searching. 2001. Disponível em: <URL: <http://www.lib.berkeley.edu/TeachingLib/Guides/Internet/BeyondWeb.html>>.

WTERSMA, W. The Review of the Literature. In: *Research methods in education: an introduction*. 7. ed. Boston, Massachusetts: Allyn e Bacon, 1999. Cap. 3.

Exemplos

A TELEVISÃO E A CRIANÇA

ÍNDICE DO MARCO TEÓRICO

1. O enfoque de usos e prêmios da comunicação de massa.
 - 1.1 Princípios básicos.
 - 1.2 Necessidades satisfetivas pelos meios de comunicação de massa.
 - 1.2.1 Diversão.
 - 1.2.2 Socialização.
 - 1.2.3 Identidade pessoal.
 - 1.2.4 Sobrevivência.
 - 1.2.5 Outras necessidades.
2. Resultados de pesquisas sobre o uso que a criança faz da televisão.
3. Funções que a televisão desempenha para criança e prêmios que ela recebe por ver televisão.
4. Conteúdos televisivos preferidos das crianças.
5. Condições de exposição da criança à televisão.
6. Controle exercido pelos pais sobre seus filhos em relação à atividade de ver televisão.
7. Conclusões do marco teórico.

DIAGNÓSTICO MUNICIPAL

MARCO TEÓRICO

1. Perfil histórico-cultural do município.
2. Geografia.
3. Demografia.
4. Aspecto econômico.
 - 4.1 Setor primário.
 - 4.1.1 Agricultura.
 - 4.1.2 Pecuária.
 - 4.1.3 Avicultura.
 - 4.1.4 Apicultura.
 - 4.1.5 Silvicultura.
 - 4.1.6 Florestal.
 - 4.1.7 Pesca.
 - 4.2 Setor secundário.
 - 4.2.1 Indústria.
 - 4.3 Setor terciário.
 - 4.3.1 Comércio e abastecimento.
 - 4.3.2 Turismo.

O CONTÁGIO DA AIDS

1. Formas de contrair o HIV.
2. Tipos de receptores.
3. Legislação sobre transfusões de sangue no México.
4. Relação entre a maneira de contrair o HIV e a evolução da doença.
5. Mecanismos de capacitação dos pacientes.
6. Perfil dos pacientes que receberam sangue ou derivados nos serviços médicos.

ESTUDO DA MODA PARA MULHERES MEXICANAS

Conforme comentado, essa pesquisa iniciada com uma fase qualitativa não foi fundamentada em um marco teórico nem desenvolveu uma perspectiva teórica. O trabalho de campo precedeu a elaboração do problema (observação das consumidoras). É claro que, antes de conduzir o estudo, foram consultadas duas pesquisas relacionadas com o tema da moda feminina na América Latina, porém as pesquisas não foram citadas neste livro por não convertermos com a autorização para isso.



Desenvolver o costume de pesquisar é uma obrigação que todos professores devem ter perante a seus alunos, portanto, devem estimular o desenvolvimento de projetos que tenham aplicações práticas, já que um dos parâmetros que caracterizam uma boa pesquisa é sua utilidade, capacidade de resolver problemas na sociedade ou nas empresas, e não apenas no papel, ainda que seja publicada.

JOSE YEE DE LOS SANTOS

Professor
Faculdade de Ciências da Administração
Universidade Autónoma de Chiapas
Chiapas, México

A importância de contextualizar as pesquisas produzidas na América Latina está baseada na possibilidade de gerar conhecimentos válidos e aplicáveis à nossa realidade.

Na Venezuela, disciplinas como psicologia social e educação se mostram mais receptivas ao uso de estratégias qualitativas, as quais se posicionaram como forma científica e rigorosa de fazer pesquisa, apesar dos estigmas que ainda predominam em certos círculos acadêmicos. Em termos tecnológicos, os avanços são assombrosos graças ao computador, que permite a análise de dados qualitativos.

A tendência é mais estatística; portanto, foram aperfeiçoadas as técnicas de análise que servem para explicar fenômenos a partir de várias dimensões, pois abordam maior quantidade de variáveis para sua compreensão. Do mesmo modo, os processos estatísticos para análise quantitativa estão mais completos e eficazes.

Em uma pesquisa, podemos combinar técnicas quantitativas e qualitativas para coletar informações, implicando em questionários, observações e entrevistas; mas, em nível ontológico e epistemológico, não é possível mesclar os enfoques, visto que as elaborações são muito divergentes quanto ao ponto de vista da ciência e à relação com o objeto de estudo.

NATALIA HERNÁNDEZ BONNETT

Professora Pesquisadora
Escola de Psicologia/Faculdade de Humanidades e Educação
Universidad Católica Andrés Bello
Caracas, Venezuela

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DO QUALIS POR ÁREA

Relação de Periódicos – Classificação relativa a dados de 2004

ADMINISTRAÇÃO / TURISMO			
Comportamento Organizacional e Gestão	A	Nacional	
Estudos Econômicos, Instituto de Pesquisas Econômicas	A	Nacional	
PAE Eletrônica	A	Nacional	
PAE: Revista de Administração de Empresas	A	Nacional	
ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA			
Análise Antropológica	A	Nacional	
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia	A	Nacional	
ARQUITETURA E URBANISMO			
Pos-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP	A	Nacional	
Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (AVP/UR)	A	Nacional	
ARTES / MÚSICA			
ARS (São Paulo)	A	Nacional	
Em Pauta, Revista do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Música	A	Nacional	
ARQUITETURA E URBANISMO			
Comunicare	A	Local	
Ciência da Computação			
Brazilian Journal of Probability and Statistics	C	Nacional	
TEMA, Tendências em Matemática Aplicada e Computacional	C	Nacional	



CÊNCIAS BIOLÓGICAS I

Anais da Academia Brasileira de Ciências
 Agranalysis
 Trabalho e Ambiente

A
 C
 A

Nacional
 Local
 Local

CÊNCIAS SOCIAIS AJUDADAS I

Revista de Comunicação e Linguagens
 Tempo, Revista do Departamento de História da UFF

A
 A

Nacional
 Nacional

DIREITO

Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo
 Estudos Jurídicos
 Gênese, Revista de Direito do Trabalho

A
 A
 A

Nacional
 Nacional
 Nacional

ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE

Anais da Academia Brasileira de Ciências
 Anais da Academia Brasileira de Ciências

A
 A

Nacional
 Nacional

ECONOMIA

Economia e Sociedade
 Revista Brasileira de Economia

A
 A

Nacional
 Nacional

EDUCAÇÃO

Cadernos de Pesquisas (Fundação Carlos Chagas)
 Revista Brasileira de Educação

A
 A

Internacional
 Internacional

EDUCAÇÃO FÍSICA

Movimento (Porto Alegre)
 Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde

B
 B

Nacional
 Nacional

ENFERMAGEM

Ciência & Saúde Coletiva
 Brazilian Journal of Medical and Biological Research

A
 A

Nacional
 Internacional

ENGENHARIAS I

Cadernos de Engenharia de Estruturas

A

Local

ENGENHARIAS II

Engenharia Sanitária e Ambiental

A

Nacional

ENGENHARIAS III

Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental

A

Nacional

ENGENHARIAS IV

Revista Brasileira de Engenharia, Caderno de Engenharia Biomédica

A

Nacional

ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Boletim GEPEN

B

Nacional

FARMÁCIA

Inerface: Comunicação, Saúde e Educação
 Brazilian Journal of Medical and Biological Research

B
 A

Nacional
 Internacional